Jornal Universitário de Coimbra

A CABRA

MENSAL MARÇO 1995 Nº 18 100$00 DIRECTOR: TIAGO MARANHÃO

8-11-11

BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE — JORNAIS — COIMBRA



Paulo Antunes



Paulo Antunes

Nuno Freitas ou Zita Henriques? Um deles será o sucessor de Tiago Magalhães na Presidência da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra. A CABRA apresenta em primeira mão os resultados de uma sondagem, realizada em colaboração com a Rádio Universidade. Pp.2 e 3

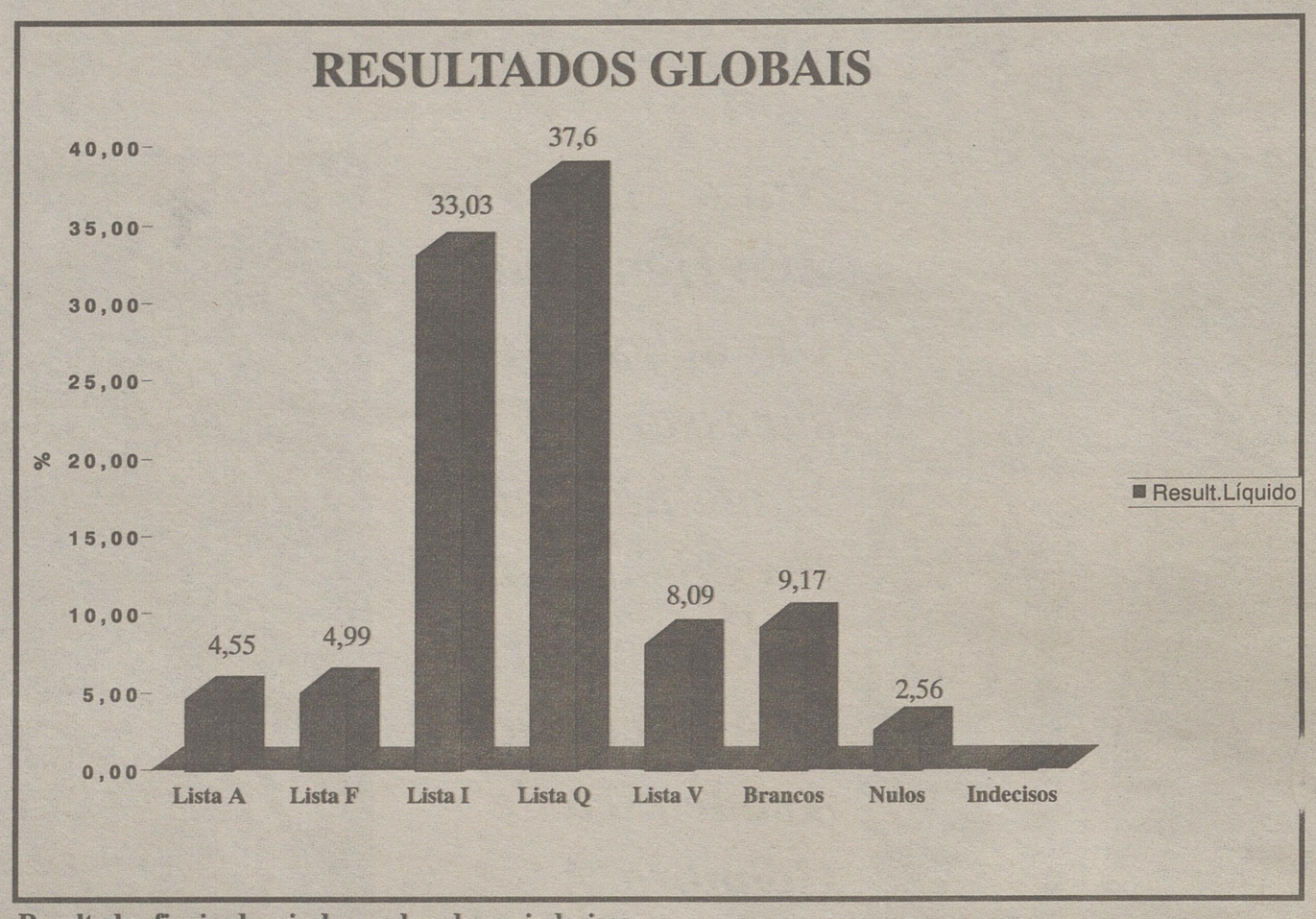
UMA QUESTÃO DE QI

RUC REGRESSA À PROGRAMAÇÃO REGULAR TEUC ESTREIA ÍON, DE EURÍPEDES RUGBY FEMININO NA AAC DEATH IN JUNE

LISTA Q E LISTA I DISPUTAM A SEGUNDA VOLTA DAS ELEIÇÕES PARA A DG

Queridos Inimigos

A Cabra decidiu, em colaboração com a Rádio Universidade de Coimbra efectuar uma sondagem sobre as intenções de voto dos estudantes da Universidade nas próximas eleições para a Associação Académica de Coimbra, que se realizam nas próxima quarta e quinta feira. A cinco dias das eleições, no momento da recolha dos dados eram já certos os nomes dos candidatos que disputarão a segunda volta, daqui a uma semna: Nuno Freitas, da Lista I e Zita Henriques, da Lista Q.

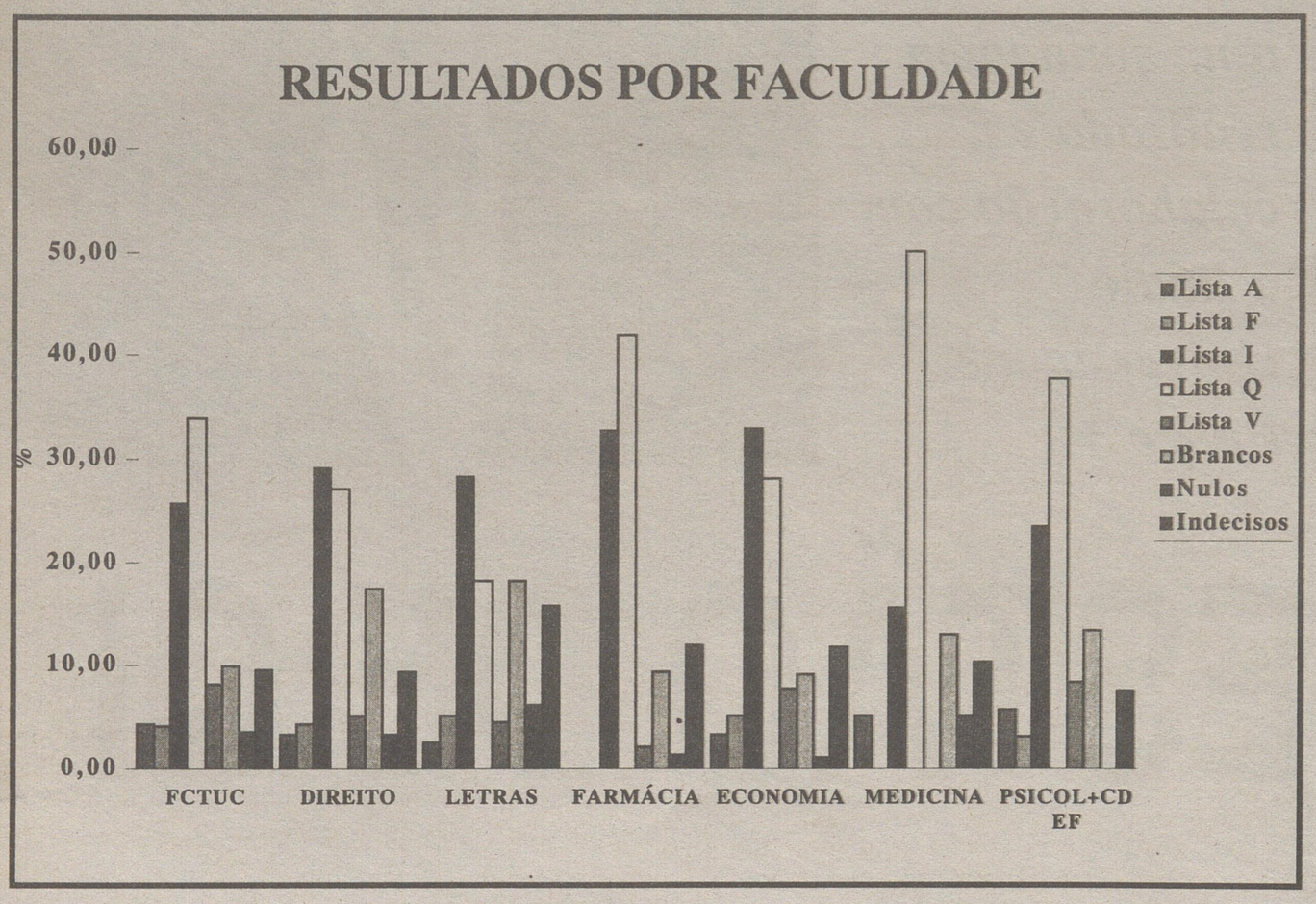


Resultados finais, depois de ponderados os indecisos

LISTA Q À FRENTE, mas I bastante mais próxima do que seria de esperar. Esta, juntamente com a decepção que os resultados da lista V constituem, é a principal conclusão que se pode tirar da sondagem efectuada por A Cabra em conjunto com A Rádio Universidade de Coimbra sobre o sentido de voto dos estudantes nas eleições de quarta e quinta.

Feito juntamente com outro inquérito sobre a opinião que os estudantes têm da DG actual e cujos resultados sairão na próxima edição do jornal, são os 33% da lista I, em contraste com os 8% da Lista V, que mais sobressaem nesta sondagem. Quanto à lista Q, com 37% das intenções de voto, fica abaixo das expectativas, apesar de ser a vencedora oficial. E se estes resultados se confirmarem, partirá para a segunda volta com a lista I, com um intervalo de confiança menor do que o provavelmente esperariam. A já experiente lista F, este ano com cara nova, mas com convicções antigas, tem um resultado que se pode considerar norma, 5%, voltando a não conseguir "acabar com o sistema", mas marcando a sua presença. Já quanto a Bento Monteiro, nem os falados apoios das novas "Gerações Populares", lhe serviram, para conseguir convencer esta geração: é a menos escolhida de todas as lista, não indo dos 4,5%. Resta saber se irá apoiar alguma das listas na segunda volta ou se ficará de fora. Brancos e nulos continua a haver muitos, o que talvez queira indicar que há muita gente que está descontente com a situação actual, mas que também não considera nenhuma das listas aptas para a mudar. E para os que ficaram mais desanimados com a sondagem, não desistam: Ainda há 11% de indecisos, ou seja, pessoas que manifestaram a intenção de votar mas que não sabem em quem, à espera de serem convencidos.

Mas analisemos as particularidades desta sondagem: em termos de fidelidade de votos, parece que a lista Q não se pode considerara a única sucessora da lista S. Os ex–votantes da lista vencedora no ano passado não votam só na namoradà do presidente que elegeram. Há quem se decida pela V, o que até é natural, pois esta lista tem alguns membros da DG actual, e, surpresa, há também uma parte que prefere Nuno Freitas. Aliás, avise–se os ex–membros da S que a letra não pegou. Muitos não sabiam quais tinham sido as listas o não passado, e explicavam que tinham votado "na lista vencedora", "na do Tiago", "na I/ lista de Tiago Magalhães na FCTUC" e mesmo na E -que existiu no ano passado, mas era uma lista fantasma que deve ter tido mais votos nesta sondagem que na realidade, o que indica uma confusão com a antiga lista E-, e alguns afirmavam decididamente que tinham votado "no Vigário".



Freitas Ganha nas Ciências Humanas

Quase 9% de diferença entre a Q e a I ditam a vitória de Zita Henriques na eleitoralmente mais importante Faculdade, a FCTUC, que tem mais de 7000 alunos. E esta vitória deve ter um especial sabor para Zita, já que ela é um deles.

O mesmo não se pode dizer de Nuno Freitas, que é estrondosamente derrotado na sua Faculdade, Medicina, onde a Lista Q chega quase aos 50%, não conseguindo a Lista mais de 16%. É a maior difença entre as duas listas. Deve dizer–se que os dados de Medicina são dos menos fiáveis desta sondagem, já que, além de o número de inquiridos não chegar ao número ideal em termos estatísticos, estes faziam quase todos parte dos primeiros 3 anos e por isso são aqueles que menos conhecem Nuno, aluno do 6º ano. Mesmo assim, convém lembrar que estes são os anos que mais votam e por isso o candidato deve ter estes números seriamente em conta.

Mas se não ganha na sua Faculdade, o auto–suspenso Vice–Presidente da JSD pode gabar–se de ganhar nas Faculdades ditas de "ciência humanas" -Direito, Letras e Economia. Na primeira, onde seria de esperar que a bipolarização se acentuasse, já que é de onde são oriundos Bento Monteiro e Carlos Picassinos, candidatos das listas A e V, respectivamente, as duas listas estão muito próximas: 27% para a Q e 29% para a I. A lista conotada com a JSD tem grande aceitação entre os caloiros, onde a lista A também tem alguns adeptos, mas é rejeitada pela maioria Q do segundo ano. Os anos superiores dividem–se um pouco por todas as listas, apesar de haver uma forte bipolarização Q e I. Já em Letras, onde a Lista F consegue o seu melhor resultado (6,5%) a diferença entre os dois grandes aumenta, conseguindo Freitas um resultado difícil de bater.

É previsível que os resultados nas três faculdades pró–lista I ainda sofram algumas alterações, já que é precisamente aí que se concentra o maior número de pessoas indecisas, pelo que a lista Q tem todas as razões para ter esperança.

Em Farmácia, bem como em Medicina, a bipolarização é a palavra de ordem. Os estudantes que no futuro pretendem tratar da saúde aos portugueses são bastante claros: I ou Q, não se admite outra coisa. E não mais Q que I, pelo que as hostes da Praça da República deviam começar a preocupar–se.

A lista V, a grande desilusão deste escrutínio, consegue os seus melhores (ou menos maus) resultados junto de psicólogos, economistas e engenheiros (sempre à volta de 8, 9%), mas baixa muito nas outras quatro faculdades. Parece assim claro que no dia 5 teremos de decidir entre Zita Henriques e Nuno Freitas, o que não constituiria grande problema para Farmácia e Medicina, mas porá todos os outros a terem que escolher em quem votar em menos de uma semana.

O peso da Idade

Já a cativar a juventude da juventude, ou seja, os caloiros, tanto a lista I como a Q se equivaleram. A caloirada, que demonstra uma grande vontade de ir votar, divide–se principalmente entre as duas principais listas. Há também o caso da lista A que cativa os caloiros economistas e alguns de Direito. Nos mais velhos, a bipolarização volta a verificar–se, apesar de estes não ignorarem as listas V e F. Nota–se também uma crescente falta de vontade em exercer o direito de voto, quanto mais avançado no curso se vai. Apesar disso, há muita gente que afirma querer votar este ano, apesar de não o ter feito em 94. Votos que vão essencialmente parar à lista I, o que demonstra bem o poder de mobilização da JSD, independentemente de esta apoiar de facto a lista ou não.

Segunda volta mais renhida mais renhida do que seria de esperar entre Zita Henriques e Nuno Freitas, é que esta sondagem nos diz em conclusão. Pelo menos nisto é quase certo que tenha acertado, a não ser que aconteça algo de extraordinário nos próximos dias. Quanto a número exacto e posições na corrida, quinta se verá.

JLQ

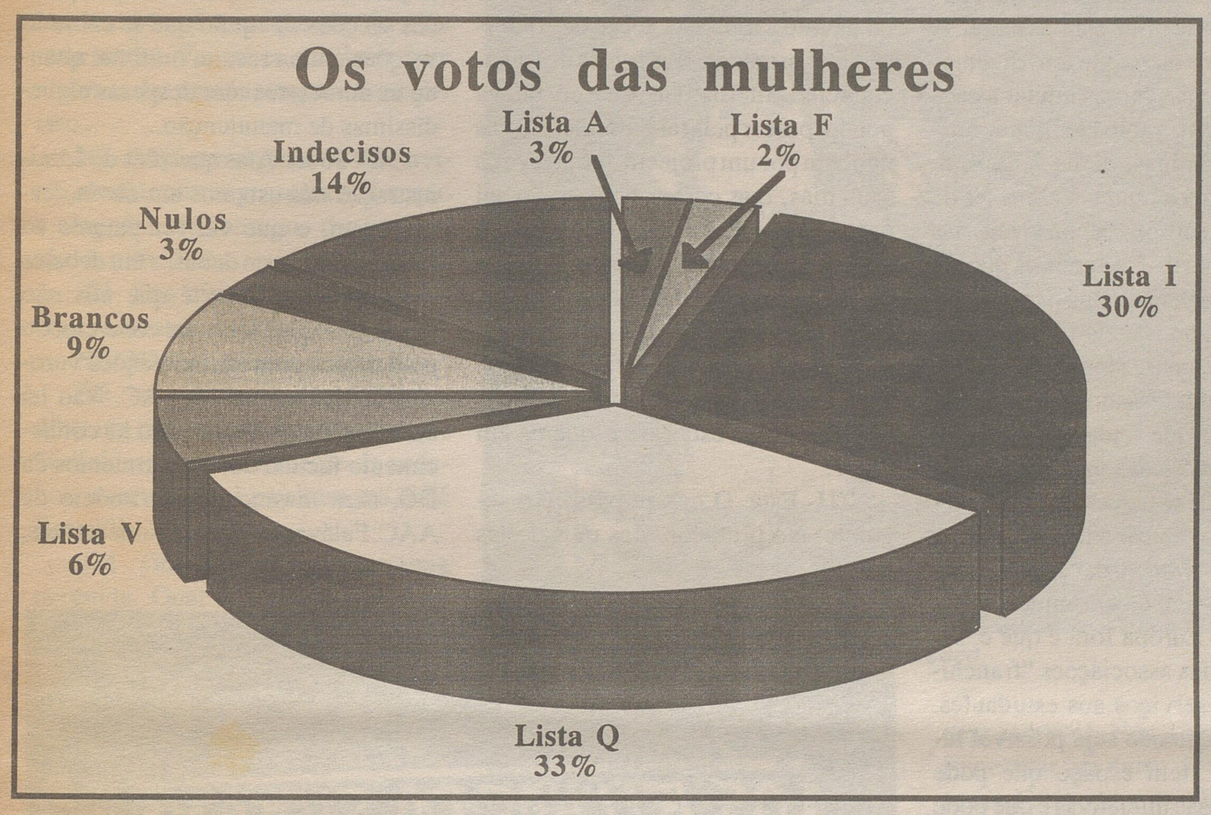
COMPORTAMENTOS

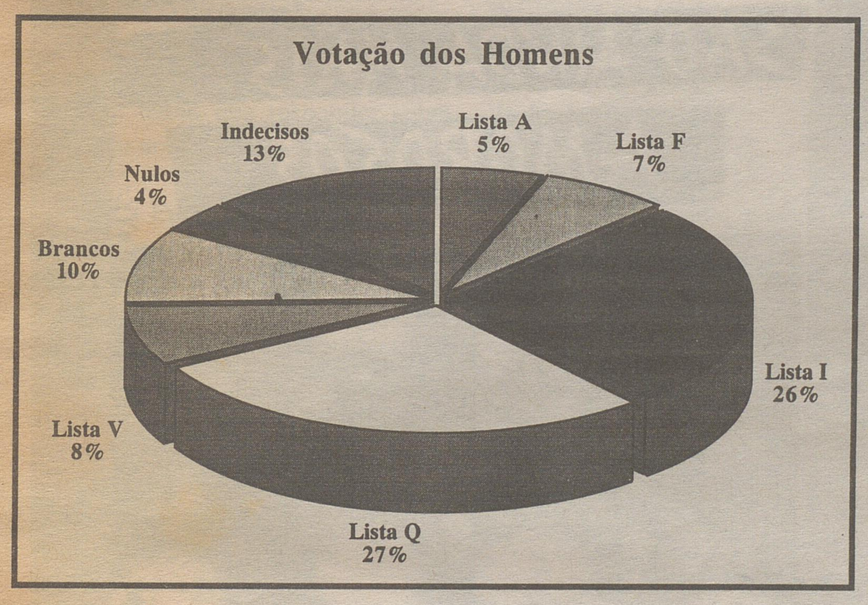
Mulheres mais bipolarizadoras

Este ano acresce ao normal interesse que tem saber se há diferenças entre os votos dos homens e das mulheres o facto de haver uma candidata a correr contra quatro "machos".

dente? Iriam as mulheres aproveitar a oportunidade para demonstrar o seu desejo de "emancipação" ou prefeririam deixar–se seduzir pelo conhecido charme de Nuno Freitas ou Carlos Picassinos?

Pelos resultados finais, parece que ninguém se quis deixar levar pelas caras mais bonitas ou menos engraçadas dos candidatos, nem por machismos ou feminismos fora de moda na época do "politicamente correcto".





Os resultados são mais ou menos idênticos, notando–se apenas uma ligeira tendência das mulheres para a bipolarização. De facto, os homens demonstram ser mais abertos a soluções mais radicais, como a lista F, ou mais originais, como a A e a V. Gostam também de exercer o seu direito de voto, mesmo quando não sabem em quem votar ou sabem que não querem votar em ninguém. É também nos homens que Nuno Freitas tem mais hipóteses de ultrapassar Zita, já que apenas 1% separa as suas listas.

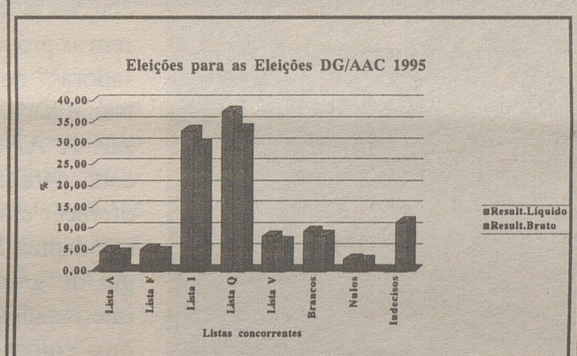
Iriam os homens querer conservar a tradição de ser um deles a estar à frente da Académica ou render–se–iam aos encantos de uma miúda a Presi-

COMENTÁRIO

O "Efeito-sondagem"

É a primeira vez que é feita uma sondagem ao sentido de voto dos sócios da Academia antes das eleições. Poderia ser apenas mais uma sondagem igual às outras, mas não é. Não por causa da sua qualidade, já que até nem teve a oportunidade de ser feita com os rigorosos métodos científicos de outras, mas sim porque, prevendo os resultados de uma eleição num universo tão pequeno e em que quase todos se conhecem pessoalmente, arrisca–se a ter uma influência superior ao normal nos próprios resultados finais.

Ora reparese: olhando para os resultados, a primeira coisa que salta à vista é que os dois candidatos à segunda volta já estão escolhidos. Os decepcionantes resultados da lista V assim o ditam. Apesar de ter sido esta a primeira lista a começar a corrida para a DG/AAC, indiciando um bom resultado, os seus membros não parecem ter aguentado o ritmo e a dinâmica que a lista I imprimiu à campanha nos últimos dias. E são exactamente os resultados da lista I, 33 por cento, somente a quatro de distância da favorita Q, que surpreendem. Esta curta distancia e a confirmação que Nuno Freitas tem reais hipóteses de vir a ser o próximo presidente da DG pode "assustar" muita gente que já se preparava para não ir votar ou votar branco. É que esta lista, para desespero do candidato é conotada com a JSD, e por isso há quem possa decidir votar na Q ou na V, apesar de não se rever nessas listas, apenas para escolher o "mal menor".



Nas barras da direita temos os resultados brutos de cada lista. Nas da esquerda o resultado líquido, ou seja, após a distribuição dos indeciso ponderadamente por cada lista

Quanto à lista V, está entre dois fogos: Por um lado pode ter mais votantes por reacção à I, por outro pode haver quem prefira deixá–la para exercer "voto útil" na Q, o que todavia é menos provável, pois a tendência é para deixar esse voto para a segunda volta.

Acresce ainda que a Lista I -e também os da F em menor escala-, são os eleitores mais fieis, ou seja, já tinham voto definido cinco dias antes das eleições, quando o inquérito foi feito e são aquelas em que esta sondagem e os últimos dias de campanha menos influência terão. Assim sendo, é natural que as outras listas ainda cresçam mais um pouco.

E assim, paradoxalmente, é a lista com o resultado mais positivo quem mais pode ser prejudicada pela publicação da sondagem. De qualquer modo, as oscilações e definições de opinião- que se prevêem para os próximos dias não serão provavelmente suficientes para mudar fortemente os resultados. bem como as reacções às sondagem não deverão trazer grandes alterações nos resultados, pelo que sé de começar já a pensar numa segunda volta entre a Q e a I.

JLQ

Ficha Técnica

O inquérito realizou–se no dia 24 de Março e foram feitas ao todo 893 entrevistas nas faculdades, cantinas e no edifício da AAC.

Advertência: Este inquérito não pretende ter rigor científico absoluto, no entanto, o grande número de amostras e a forma como os dados foram tratados -compararam–se os dados do inquérito com dados da Secretaria Geral e dados de eleições anteriores-, permite–nos considerar que o grau de erro não será muito elevado. Em certos resultados por faculdades o risco de erro é superior, principalmente nos casos em que o universo foi mais restrito (como Medicina, por exemplo, onde a mairoria dos inquiridos eram do 1º ao 3º ano). Como a maioria dos potenciais abstencionistas não frequenta muito a faculdade (as taxas elevadas de abstenção devem–se ao facto de existir um grande número de estudantes por correspondência, i.e., que só vêm a Coimbra efectuar os seus exames), preferiu–se não arriscar os números da abstenção.

Por último resta agradecer a todos os que participaram e ajudaram, com destaque para o Sr. Mário Teles, da SGUC.

Jornal Universitário de Coimbra
A CABRA

Ficha Técnica

Director:
Tiago Maranhão

Editores:
Carlos Loureiro, João Baptista, Justino Strecht, João Queirós, Paulo Antunes
Redacção:
André Correia, Adolf Fini, Ana Drago, Cecília Oliveira, Cibele Santos, Cláudia Monteiro, Conceição Ribeiro, Maurício Ferreira, Paulo Barbosa, Paula Alves, Rita Simões, Rosário Salvado, Rui Mendes, Steven Casteleiro, Noémia Bravo, Nádia Esteves
Colaboradores: Carlos Ramos, Hugo Panzer, Miguel Oliveira
Fotografia:
Nuno Oliveira, Paulo Antunes
Revisão:
Maurício Ferreira, Carmen Hilário, André Correia
Concepção Gráfica e paginação: Carlos Loureiro, Ana Sousa

Impressão: BeirasTexto, SA
Tiragem: 4800 exemplares

Departamento de publicidade:
fax (039) 23505

Redacção e Administração:
Rua Padre António Vieira 3000 COIMBRA
Produção: Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra
Propriedade: Associação Académica de Coimbra

Agradecimentos: Reitoria da Universidade de Coimbra, DG/AAC, Jorge Correia, RUC



ENTREVISTA COLECTIVA COM OS CANDIDATOS

Pequenos delírios académicos

A Cabra reuniu os candidatos à Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra numa entrevista colectiva. O que se segue é uma parte daquilo que pretende ser uma reflexão conjunta sobre o "Estado da Academia". Só que estamos em época de eleições, o que condicionou os resultados do debate. Bento Monteiro, Pedro Cabral, Nuno Freitas, Zita Henriques e Carlos Picassinos ao vivo e sem espinhas. Não muitas, pelo menos.



Carlos Picassinos, ***Preto no Branco***

A Cabra- Como vocês sabem, a AAC deve 60000 contos ao fisco. Se fores eleito como pretendes resolver este problema?

Bento Monteio - Já tenho referido várias vezes essa questão das dívidas da associação e eu acho que há dois caminhos possíveis: Ou o governo perdoa a dívida ou então a DG terá obrigatoriamente que criar incentivos que possam permitir que haja receitas. Havendo uma dívida e não havendo receitas nem subsídios, eu julgo que se terá que seguir um desses dois caminhos. Se eventualmente a minha lista vencer as eleições é evidente que iremos negociar com o governo, em termos diplomáticos, sobre essa matéria para se saber o que se poderá fazer em relação à dívida. Nessa matéria a AAC nos anos anteriores tem tido possibilidades de montar vários cenários para obtenção de receitas, mas simplesmente aquilo que temos vindo a verificar é que pouco tem sido feito. Eu pergunto–me porque é que a esplanada não funciona desde há dois ou três anos.

Pedro Cabral - Sim, eu acho que a melhor solução é a dívida vir a ser perdoada. Se não, temos que ir chamar as pessoas que contraíram as dívidas para as pagarem.

Nuno Freitas - Bom, nós consideramos que na gestão da AAC algumas coisas têm que mudar. A gestão tem que ser rigorosa e que evidentemente que não propicie aquilo a que eu chamo uma "cultura de desperdício". Em primeiro lugar temos que encontrar novos recursos e novos financiamentos. Isso consegue–se com uma atitude de mais dinâmica e moderna de ir ao encontro de alguns financiamentos. Para lá da muita retórica que pode envolver estas questões: Todos os anos as direcções tentam resolver o passivo. À partida, aparecer com soluções milagrosas é sempre de estranhar...

Vou dar duas ideias para iniciativas que a DG pode tomar para conseguir novos financiamentos: Uma é algo que já aconteceu aqui na cidade de Coimbra: A Câmara Municipal cedeu um terreno à OAF e ao União para que se instale uma gasolineira. Eu penso que há vários locais, como por exemplo a variante da auto–estrada ou o Estado Universitário, que a Câmara podia ceder à AAC. Depois a AAC venderia ou concessionária o terreno para obtenção de rendimentos, que, além de ajudar a acabar com o passivo, propiciariam uma receita constante para as actividades das secções.

Bem, se aquilo que queres que eu diga, é que a dívida ao fisco é mau que haja, isso para mim está assente. A dívida existe e claro que tem diversos responsáveis. Se vamos iniciar a caça às bruxas, bom, vamos ter que ir buscar dívidas antigas, de há 2, 3, 4, 5, talvez mais anos ainda. Vamos ter de saber quem são os responsáveis nas secções desportivas e teremos que fazer uma caminhada longa para encontrar esses responsáveis todos. Podemos fazê–lo, mas, sinceramente, eu estava mais interessado em resolver o problema do que andar em grandes discussões teóricas, uma coisa que muito gosta de se fazer sobre o problema mas sem o atacar e tentar resolver os problemas. Mas eu dava–te o exemplo, como acontece em muitas associações pela Europa fora e que é, serem as próprias associações "franchisadoras" de serviços aos estudantes. Não é nada que não seja possível fazer. A AAC tem espaço que pode ceder para essas iniciativas e que pode oferecer esses serviços de apoio aos estudantes. Há vários casos em Portugal de grandes grupos económicos interessados nessa hipótese e nós vamos colocá–la directamente a esses grupos.

ZH- A questão da dívida do IVA neste momento está a ser apreciada. A questão não tem sido muito divulgada por razões que toda a gente compreende: Não convém, só despristigiaria a AAC. No entanto, estão a tentar ser encontradas formas para resolver a dívida... A DG vai obviamente prosseguir esse trabalho junto das várias entidades, porque, como se sabe, a dívida do IVA remontar há muito tempo e sabe–se bem quais foram as secções onde o processo se passou e é bom que se diga com clareza como foi todo o processo: O processo começou quando a Inspecção–Geral de Finanças foi junto de empresas e encontrou recibos passados pelas diversas secções da AAC e depois então veio à Académica por causa desses recibos. Nomeadamente isto aconteceu com as secções de andebol e basquetebol. A AAC não concorreu àquela negociação [do governo com empresas e clubes desportivos] porque a dívida era inferior a cem mil contos, mas, de qualquer das maneiras, está a ser feito um esforço junto de várias entidades, nomeadamente junto do Governo Civil e da Reitoria, para que a dívida seja negociada com as Finanças.

Carlos Picassinos - A questão do IVA está consumada e remete–nos obrigatoriamente para a questão do financiamento da Associação. Parece–me mais ao menos óbvio e consensual que se têm que encontrar fontes de financiamento alternativas para a AAC e não estar sempre à espera da Reitoria ou das vontades políticas ou não do governo. Até porque nos últimos anos a AAC foi bastante penalizada em termos de dotação orçamental devido a toda esta acção de contestação às propinas. E as fontes de financiamento alternativas que eu falava podem passar pela tal gasolineira, mas também por um projecto que já teve os seus dias, que correu bem e não sei porque é que acabou, que é o esquema de transportes por parte da AAC a várias escolas secundárias e colégios, como aconteceu há dois anos...

ZH- Não acabou!

CP- Então o que é que se passa?

NF- Ainda está esse esquema em vigor?

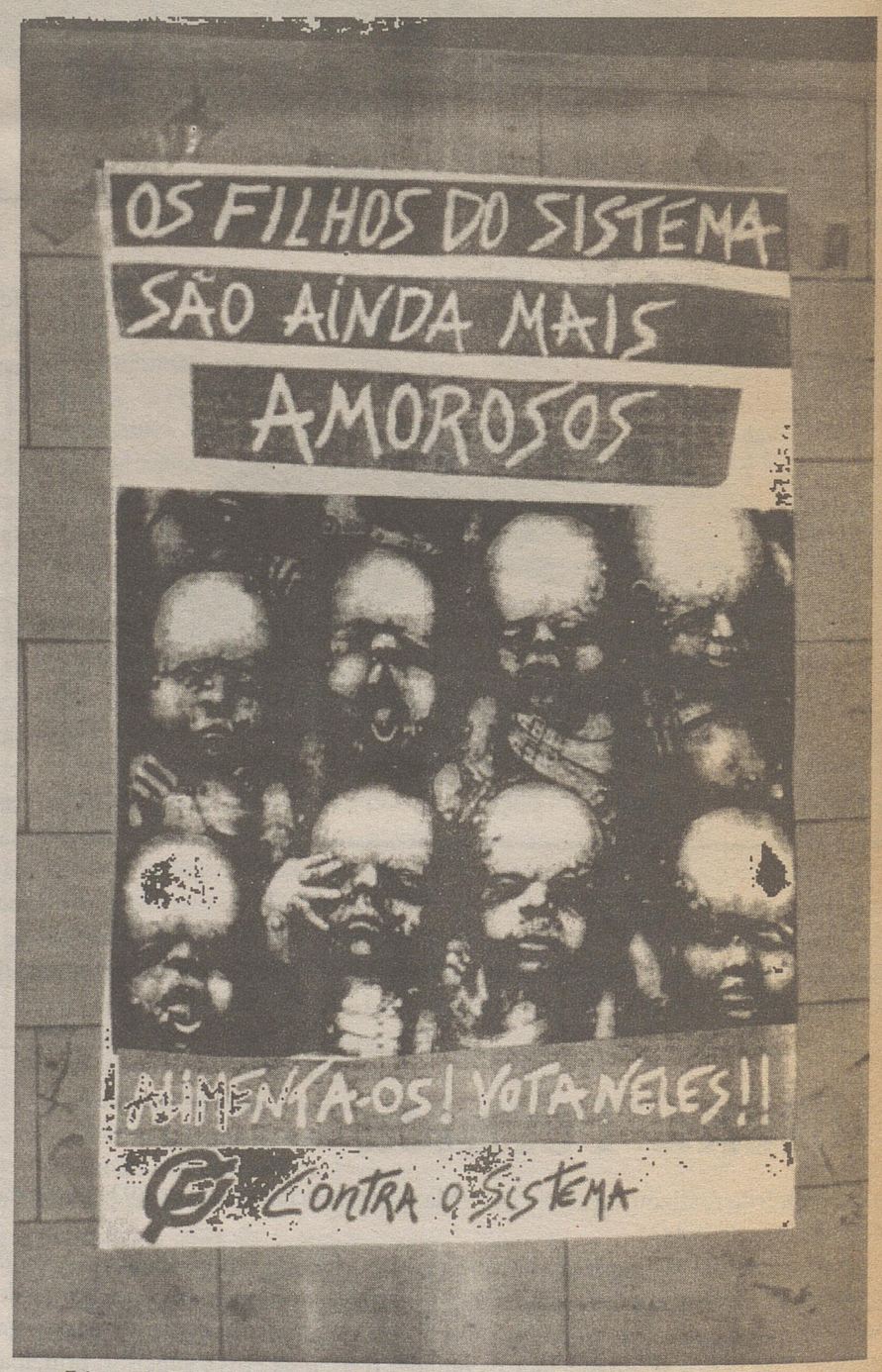
ZH- Está. O que se passa é o seguinte: No protocolo dos transportes com as secções e os organismos autónomos há um regulamento de utilização dos autocarros. E o autocarro só pode ser utilizado por elementos exteriores à AAC caso não seja pedido por nenhuma das secções.

NF- Mas daí não haverá receitas nenhumas?

ZH- Repara, temos neste momento um autocarro de 54 lugares e outro de 27. Como é óbvio, as grandes utilizações desses autocarros é por parte das secções. E aquilo que se cobra às secções é uma receita mínima, quando os autocarros têm despesas elevadíssimas de manutenção...

NF- Sobre estas questões de administração nós estamos em óbvia desvantagem, o que vai ser patente ao longo de todo este debate e em debates posteriores. O facto é que nós não temos qualquer ideia em concreto, ou pelo menos com aproximações verosímeis, das contas da AAC. Não há um relatório de contas, não há conhecimento factual dos investimentos da DG, nem mesmo do património da AAC. Falávamos das camionetas mas, segundo sei, as camionetas estão em nome da Comissão Central da Queima das Fitas...

ZH- Não. São nossas, da Associa-



Lista F, ***Contra o Sistema***

ção.

NF- A que está a ser adquirida é pela Comissão Central. Mas sobre o Relatório de Contas - não ter esse dado essencial...

ZH- O Relatório o ano passado saiu, já não saía há muito tempo. Neste momento a DG ainda não acabou o seu mandato. Eu julgo que tu pediste esclarecimentos a um membro da DG e ele deu–te os esclarecimentos que pretendias. Agora é óbvio que eu tenho um maior conhecimento das coisas porque faço parte da DG. Agora as questões são totalmente públicas...

NF- A verdade é que nós temos muito pouco conhecimento, por exemplo, sobre as penhoras que a longo prazo caiem sobre a Associação...

ZH- Bem, Nuno, desculpa lá, mas isso também é uma questão de tu te informares. Tu até te dás bem com algumas das pessoas responsáveis por isso...

NF- Eu já tentei junto do tesoureiro, junto de outras pessoas da direcção e ninguém me consegue dar uma visão das dívidas...

ZH- Das dívidas das secções inclusivamente...

NF- Não me estejas a atacar!

ZH- Não te estou a atacar. Estou a dizer um facto: Toda a gente sabe que as dívidas relativas à secção de andebol, o responsável na altura era o Zé Beto [?]

BM- Gostaria só de fazer uma pergunta. Qual é a receita anual da cedência dos autocarros.

ZH - Isso eu não te posso dizer; o meu pelouro não é a administração...

BM - O vosso tesoureiro não responde.

ZH - Isso não é verdade.

NF - Mas há ou não ideia de fazer um relatório de contas?

ZH - O mandato da DG ainda não acabou. Eu estou aqui como candidata. Não tenho que responder sobre pelouros nos quais não estive envolvida.

BM - Eu compreendo isso, simplesmente cria–me uma certa confusão, estando a Zita na DG, estando numa fase final do vosso mandato, custa–me a compreender como é que ainda não haja uma estimativa de quais foram os gastos de quais são as receitas que vieram, quer do bar e doutros.

ZH - Quanto à concessão do bar posso–te dizer, sem problema nenhum, quanto é a concessão do bar... quatrocentos contos por mês.

NF - Vamos lá tentar esclarecer uma coisa. Em primeiro lugar um relatório de contas é uma coisa perfeitamente normal na vida de uma associação. O António Vigário deu um bom exemplo...

ZH - ...que eu acho que vai ser seguido.

NF - ...espero que seja seguido. Nós estamos num período eleitoral e esse é um dado essencial para qualquer candidatura.

A Cabra - A gestão mais rigorosa da "casa", é disso que falamos, passará eventualmente pelo despedimento de funcionários em excesso?

PC - Não, acho que não. Em relação a isso, e quanto à questão das concessões acho que estamos a transformar a Associação Académica num centro comercial. Cada vez menos a Associação Académica é dos estudantes.

A Cabra - És contra a concessão do bar ?

PC - Não falo do bar mas, por exemplo, daquela agência de viagens que está ali. É uma parvoíce termos aqui uma agência de viagens.

CP - Eu não sei se há funcionários em excesso ou não. Não me posso pronunciar. Posso pronunciar–me a partir do que é evidente. Se calhar posso dizer que o bar é uma lixeira às quatro da tarde, que os corredores estão uma lixeira nesta altura...

NF - Além disso é uma questão delicadíssima e eu não acho que isso seja, do ponto de vista da administração, uma questão fulcral. A AAC não tem dívidas por pagar aos funcionários e além disso é uma questão social delicadíssima até porque são funcionários que estão, muitos deles, há muitos anos nesta casa. Não se pode falar de despedir funcionários como se fosse uma coisa impessoal. Quando há pouco falei de gestão rigorosa e eficiente falava de uma atitude que se tem ou não, e neste momento aquilo que posso dizer é que não se tem...

BM - ...tem que haver outros meios que não sejam o despedimento de pessoal. Agora há outras questões como o estado do bar...que tem à sua volta uma rede de comerciantes abertos até às duas da manhã e ele fecha às 23.45. Nós já pedimos explicações mas ninguém nos diz o porquê deste horário.

A Cabra - Zita, é verdade ou não que grande parte do subsídio ordinário atribuído à AAC pelo Governo é gasto a pagar salários?

ZH - Não. A AAC, de acordo com a Lei das Associações de Estudantes, recebe um subsídio ordinário, que é atribuído de acordo com o número de estudantes da Universidade. Para os salários recebe um subsídio mensal da reitoria. O subsídio ordinário, neste momento, tem sido grandemente utilizado para o pagamento de dívidas. Eu recordo que além da dívida do IVA há a dívida da revista Via Latina que era uma dívida de 27000 contos e que foi renegociada para 21500. Esta DG já pagou uma trache de 5000 contos e a próxima terá de pagar outra tranche de igual valor. (...) Relativamente à gestão rigorosa acho que foi precisamente o que esta DG fez, veja–se o caso do IVA. Neste momento a emissão de recibos da AAC está centralizado na Tesouraria. (...) Quanto às concessões, não podemos ser mais papistas que o Papa. Todos nós temos plena consciência do estado em que estava o bar quando era gerido por estudantes. Acho que é preferível ter mais higiene, um serviço melhor e conseguir tirar disso mais lucro.

A Cabra - E funcionários? Estão em excesso ou não?

ZH - É obvio que temos funcionários a mais. Muitos deles já cá estão à muito tempo e precisamente por isso não têm formação. As senhoras da limpeza, por exemplo, não sabem ler nem escrever. Nós propusemos–lhes frequentar um curso de alfabetização para adultos, durante o horário de trabalho, e elas não quiseram e nós não as podemos obrigar. Não é apenas uma questão de funcionários a mais. Se eles tivessem as habilitações necessárias para as actividades da AAC não eram funcionários a mais.

BM - Falou–se num subsídio ordinário. Nós não sabemos quanto é que a DG/AAC recebe. De igual modo ficou por esclarecer que subsídio paga a reitoria. Em relação ao bar não esclareceste... Há uma má administração da própria DG...

NF - A questão do bar tem cabimento. De facto esta é uma associação académica. Bares há muitos, mas o que uma pessoa espera de um bar da associação académica é uma animação cultural como é visível em tantos outros como em Aveiro, por exemplo...

CP - ...isso é um bocado demagógico. Não me escandaliza nada ter o bar como está, a funcionar com alguma qualidade. Escandaliza–me é estar sempre sujo e as mesas estarem sempre desarranjadas... As actividades culturais, nos últimos tempos nunca foram barradas.



Nuno Freitas, ***Marcamos a diferença***

NF - Não foram barradas, mas não foram incentivadas...

ZH - Houve vários espectáculos...

NF - Alguns espectáculos.

BM - No bar? (!)

ZH - Sim, no bar.

NF - ...espontâneos, além de que há casos ridículos, como estar a ver o futebol, o jogo ter prolongamento e uma pessoa ter que sair do bar sem ver o prolongamento... Parece–me que a ideia que cada vez mais estudantes tem é que a AAC é o seu edifício central, que as instalações são um "gheto" académico. As secções fecham–se sobre si, o bar tem de facto menos gente a vir tomar o seu café, a conversar aqui com os seus colegas. O rés do chão parece um centro comercial...



Bento Monteiro, ***Pensar e agir diferente***

A Cabra - O que propões para alterar esse estado de coisas?

NF - Animação quotidiana, reorganização dos espaços, animação do bar da associação e utilização de espaços que tem sido completamente esquecidos como o jardim.

CP - Tem que haver uma certa consciência das secções e dos organismos quanto à questão da abertura da AAC. É obvio que têm que estar empenhados nas suas actividades e no seu dia–a–dia, mas têm que pensar nas pessoas que ficam lá fora, as que não vêm e porque é que não vêm. Iniciativas como o livro ou o disco são projectos interessantes, mas são projectos conjunturais. Não trazem pessoas, não "agarram" pessoas. Se, por exemplo, se editar mensalmente um fanzine de fácil circulação entre as pessoas, que seja um espaço para os estudantes. Isso permite que todos os meses tu tenhas um grupo de pessoas interessadas e consegues criar um movimento coisa que iniciativas conjunturais como o livro não permitem...

PC - Isto da Associação ser um "gheto" é um bocado estranho. Porque um caloiro, ou um "primeiro anista", como eu gosto de lhe chamar, chega aqui e dizem–lhe assim: tu se és anti–praxe não podes participar na Associação Académica. Logo a partir daí imensa uma série de pessoas fica sem poder trabalhar activamente na Associação. Em relação à música eu gostaria, por exemplo, que houvesse uma secção de música moderna... As secções têm que acompanhar os tempos, não podemos ficar só agarrados às tradições.

ZH - Eu julgo que nisto do "gheto" se está a exagerar. Julgo que há muitas pessoas a passar por aqui...

NF - ...passam aqui para almoçar e jantar...

ZH - ...tivemos a experiência do "Vem Conhecer a Academia": Penso que é uma das maneiras de mostrar às pessoas aquilo que se faz dentro da Associação porque eu acho que muitas delas não tem conhecimento das potencialidades que a AAC tem, da maneira de entrarem para as secções, do que se faz, dos horários de atendimento. Julgo que há que incentivar as pessoas e nós só podemos incentivar as pessoas se lhes mostrarmos aquilo que se faz cá dentro.

BM - Eu penso que há uma excessiva participação da DG na condução das actividades culturais. A DG deveria dar condições aos estudantes que queiram desenvolver essas actividades sem interferir na sua condução...

PC - Eu venho cá quase todos os dias e vejo sempre as mesmas caras. É incrível que em 20000 estudantes só 3000 participem...

A Cabra- O desenvolvimento da Universidade levou à criação de novos pólos. A AAC deve seguir esta tendência evoluindo, por exemplo para uma federação?

CP- É obvio que não. A vida quotidiana implica que haja uma descentralização, isso também é obvio. Só que este é um assunto delicado. Em minha opinião essa descentralização tem que ser feita com a participação de todas as faculdades, ou seja, com os orgãos de gestão e com os próprios estudantes. Nós defendemos os Núcleos de Estudantes e é esse orgão que pode fomentar a ligação da AAC às

faculdades.

A Cabra - Generalizar a todas as faculdades núcleos como os que existem em Farmácia e Psicologia?

CP - Não. Tem que se adequar à realidade de cada uma das faculdades.

NF - Eu acho que se está a querer criar um drama à volta desta questão, como se a Associação Académica ficasse adulterada nos seus princípios como associação se se criarem associações de estudantes nas faculdades, que é um risco que se corre.

CP - Tens de reconhecer que há de facto riscos e há quem defenda, na Universidade de Coimbra, de associações de estudantes e isso, quanto a mim, é errado. Há alunos nos orgãos de gestão da Faculdade de Letras que defendem a criação de uma Associação de Estudantes de Letras...

NF - Provavelmente é um exemplo único. Seguramente que esses estudantes não estão nesses orgãos por defenderem essa posição. Eu tenho estado em todos os cursos e se há algo que os estudantes preservam é esta união.

A Cabra - Se fosses presidente da DG/AAC e te visses confrontado com um movimento de estudantes que pretendessem criar uma nova associação de estudantes como reagirias?

NF - Se eles querem formar uma nova associação de estudantes é preciso ver se os estudantes concordam com isso. Quero crer que essa é uma falsa questão, embora compreende que se fale do assunto a propósito dos novos pólos da Universidade. O que me parece é que as pessoas querem que a Associação Académica seja mais mobilizadora, que defenda mais os seus interesses. Em muitas faculdades as pessoas desabituaram–se de ver a AAC a defender os seus interesses. Muitos grupos como o AISEC, o núcleo de Psicologia surgiram para corresponder às expectivas dos estudantes...

A Cabra - E essas associações não podem ser o embrião de associações de estudantes?

NF - Acho que não desde que haja espaços da AAC nas Faculdades. Elementos de ligação entre a AAC e as Faculdades.

BM - Eu acho impensável dividir a AAC. Tem que se promover a unidade na diversidade, isto é, a AAC tem uma história essa história é uma história de unidade. Essa questão da divisão não se põe.

ZH - As listas que este ano propõem a criação de Núcleos de Faculdade eu lembrava que no ano passado nós propusemos a criação de Núcleos Pedagógicos para serem o embrião desses núcleos que, esperávamos, seriam uma realidade com a revisão de estatutos.

CP - ...então o método foi mal feito.

ZH - Eu estou a dizer que a ideia não é nova. Esses núcleos seriam óptimos para trazer as Faculdades à AAC e levar a AAC às Faculdades. Além disso há que ligar toda a Universidade fisicamente, por isso propomos que haja um autocarro que faça a ligação permanente entre todos os Pólos. (...)

PC - Isso dos Núcleos de Faculdade vai ser uma coisa inevitável e, sinceramente, não me preocupa muito.

A Cabra - Mas núcleos ou Associações?

PC - Relativamente à unidade da AAC isso só o tempo o dirá e se realmente as coisas não funcionarem acho que se devem criar novas associações...

A Cabra - E qual o papel dos orgãos de gestão neste processo?

NF. - Ficam a dialogar com a DG, porque são eles que "dão a cara nas Faculdades".

CP - Sobre o que se passa no Estádio Universitário de Coimbra, confesso que também não estou muito bem informado. Parece que há alguns conflitos entre a Comissão directiva e a gestão do espaço e acho que o problema mais tarde ou mais cedo vai ter de se resolver com a transferência de algumas das secções desportivas para o Pólo II. Não me parece que no Estádio Universitário haja espaço para toda a gente.

NF - Só há uma solução, que passa pela Direcção Geral. E se isso quiser dizer que temos de defender a demissão desta Comissão Directiva, então defenderemos.

ZH - Há que distinguir duas coisas. Uma é a Comissão Directiva do Estádio, outra é a Comissão directiva do curso de Ciências do Desporto. O problema surgiu por causa disso. A Comissão directiva do Estádio é constituída por dois professores do curso, um representante da Reitoria e dois alunos da Direcção Geral.

Como os professores que estão na Comissão do Estádio são professores do curso, houve aqui um atropelo de interesses. Houve toda uma situação bastante complicada com uma das secções e houve um processo em que as pessoas não se comportaram como deve ser, designadamente os professores, que inclusivamente chamaram a Polícia. Neste momento o processo está na Reitoria, nas mão do Senhor Reitor. Já foi pedida a demissão da Comissão directiva e aquilo que nos foi dito é que as pessoas vão sair e vão ser substituídas por outras que não estão nos dois lados ao mesmo tempo.

BM- Tenho pouco conhecimento do assunto, mas por aquilo que sei (pertenço ao culturismo), penso que não existem relações entre a DG e as secções que utilizam o Estádio. Isso é a primeira parte. Da segunda, tive conhecimento através da direcção do culturismo. A pessoa responsável pelo Estádio teve um comportamento menos digno para com as secções que funcionam lá.

PC - Fui apanhado de surpresa e não conheço os pormenores sobre esse assunto, ao contrário da Zita, que trabalha na DG. Sinceramente estou por fora.

A CABRA - O que pensam sobre o estatuto profissional das secções desportivas, sobre o desporto de alta competição?

BM - A minha candidatura só poderia responder se visse que havia condições financeiras para o fazer. Em segundo lugar, nós damos prioridade ao desporto de lazer. Dada a escassez de meios financeiros, nós não podemos sonhar muito alto quando não temos capacidade financeira para satisfazer as necessidades inerentes a estas situações.

NF - Eu penso que há desporto de alta competição no OAF, no futebol. Aí, é a sua vocação e ninguém põe sequer a questão. Falando das secções é evidente que elas têm hoje, algumas delas, uma componente de alta competição. Eu devo dizer que nunca simpatizei muito com a ideia. Não têm só isso. Continuam a ser boas escolas de formação. Coimbra não tinha outras. Se deixassem de existir essas escolas poucas ou nenhumas existiriam na cidade.

Tenho tido conhecimento de grupos de estudantes que querem formar novas secções de desporto que não são de alta competição (p. ex. o baseball que já é pró–secção) Sempre nos repugnou um pouco ver pessoas que não têm nada a ver com a Universidade ou a Associação a defender o emblema da Académica.

Do meu ponto de vista não me agrada que a AAC enverede pelo caminho do desporto profissional, embora o assunto ainda não tenha sido discutido dentro da lista. Prefiro o desporto universitário, mesmo amador, do que ver secções que estão na alta competição, mas que usam jogadores que nada têm a ver com a Académica.

PC - Acho ridículo haver um clube de futebol Com o nome da Académica onde nenhum estudante joga.

ZH - Há alguns...

PC - Mas em tempos era um clube de estudantes e estava na primeira divisão e agora está na segunda. Portanto, estamos a gastar dinheiro e não vamos a lado nenhum.

ZH - É obvio que também não me agrada nada a ideia de ter jogadores que não sejam estudantes (...) veja–se a situação do andebol! A secção de andebol é responsável pelo inflaccionamento dos salários dos jogadores de andebol a nível nacional. Julgo que estas situações não se devem repetir e o que deve ser feito é precisamente incentivar os estudantes universitários a vir para Coimbra e que lhes sejam dadas condições que permitam continuar a estudar e defender o nome da AAC.

Mas todas estas questões serão sempre objecto de discussão no Conselho Desportivo, que terá responsabilidades nesta matéria, nomeadamente a definição da política a seguir e a produção de pareceres sobre a contratação de atletas.

CP- Directamente, acho que há lugar para a alta competição. Mas os estudantes que nela estão inseridos devem ter compensações em bónus curriculares.

ZH - Os de alta competição já têm.

CP - Mas são muito poucos.

ZH - O estatuto de alta competição varia consoante a modalidade.

CP - Neste momento, parece–me que as compensações são relativamente frágeis. Isso remete–nos de alguma forma para a Carta de Direitos e Deveres. Deve consagrar–se o princípio de que se um estudante está numa secção deve ter algumas regalias.

ZH - Pensei que a questão dizia apenas respeito à contratação de atletas que não sejam estudantes universitários.

A Cabra - Como é que estão a financiar a vossa campanha?

CP -Estou a financiar com convívios e cafés concerto.

A Cabra - E isso chega?

CP - Não, estamos com 150 contos de dívidas.

NF - Também tenho dívidas, mas isso não quer dizer que não tenhamos que as pagar, como é obvio.

CP - Para uns é mais fácil que para outros.

NF - Há os que se mexem e os que não se mexem.

CP - Pois claro, isso é evidente.

NF - Muitos dos patrocínios que tenho estão na minha plaquete. Temos vindo a chegar ao limite do razoável. Todas as campanhas custam dinheiro...

CP - Podes dizer quanto é que já gastaste?

NF - Não, posso dizer que no final da campanha vou publicar as contas da minha campanha.

BM - A minha campanha é financiada com as contribuições de amigos anónimos.

NF - Os nossos amigos são conhecidos...

PC - Acho isto engraçado. Todos somos independente mas há uns que são mais independentes do que outros. Nós só temos os trinta contos que é o subsídio que a AAC atribuí às listas.

ZH - A nossa campanha é financiada por nós próprios e pelos nosso convívios.

CP - Ó Nuno, a JSD tem alguma coisa a ver com a tua campanha?

NF - A JSD quis apoiar a minha campanha mas eu não aceitei.

ZH - Como é que justificas a afirmação do Durão Barroso à TSF a dizer que tinha boas indicações que a JSD ia ganhar a AAC, ou como é que justificas uma notícia publicada no Diário de Notícias a dizer o mesmo?

NF - Pergunta ao Durão Barroso e ao Diário de Notícias.

ZH - Tu não sabes de nada!

NF - Eu, sinceramente, não falo pelo Durão Barroso e pelo Diário de Notícias.

ZH - Negas qualquer envolvimento da estrutura partidária na tua lista?

NF - Há pessoas, que são militantes, que estão nesta candidatura.

ZH- Não há qualquer envolvimento da estrutura partidária?

NF - Apoio financeiro não há. Que outro envolvimento?

ZH -Envolvimento de pessoas com cargos políticos e públicos.

NF - Não...

CP - Eu não acredito, devo–te dizer.

ZH - Acho surpreendentes os preços que vem indicados nos vossos panfletos...

NF - Estás a levantar um clima de suspeição que é visível aos olhos de toda a gente. Eu vou publicar as contas com todos os meus patrocinadores e com as contas da gráfica.

A Cabra - Obrigado a todos os participantes por terem aceite o nosso convite para estar presente nest ebtrevista.



Zita Henriques, *Uma Universidade de ideias*

Justino Strecht
Tiago Maranhão
fotos: Paulo Antunes

agradecimentos: Centro de Estudos Cinematográficos da AAC

Carta dos Direitos do Estudante.

A questão de saber se o estudante universitário goza ou não de um estatuto que defina rigorosamente os seus direitos e deveres tem sido desde há muito debatida.

Em causa estão estatutos como o estudante trabalhador, o estudante dirigente ou participante nas Secções da AAC, o estudante infecto–contagioso, o estudante atleta e o estudante militar.

Para tratar especificamente deste assunto formou–se uma comissão "ad hoc" do Senado, da qual fazem parte professores e alunos, como por exemplo, Jorge Correia, actual Vice–presidente da AAC, Fernando Ravira, Jorge Bigotte, o Prof. Castanheira Neves, o Dr. Joaquim Feio, Dr. Meliço Silvestre e o Dr. Pizarro Beleza.

A comissão "ad hoc" já reuniu uma vez, tendo–se estabelecido a metodologia a utilizar em todo o processo. Está–se numa primeira fase de recolha de documentação e em causa estão questões relativas ao estatuto do aluno na Universidade, de que é exemplo a questão das épocas especiais.

Esta recolha pretende o começo da elaboração de um projecto de revisão que apresente uma perspectiva didáctica, cultural, desportiva e social. Neste projecto estão incluídas, portanto, as questões das épocas especiais, inscrições em aulas práticas, horários e o estatuto de dirigente.

O estatuto de dirigente leva directamente à questão do estatuto do estudante que participa nas variadas secções da AAC ou que participa na Comissão de Organização da Queima das Fitas.

Neste projecto, o ponto de insistência é a perspectiva didáctica e desportiva. Numa perspectiva desportiva, existe o caso dos atletas federados e de alta competição em que a coincidência de datas dos exames com os jogos tem de estar prevista. É que, muitas vezes o prestígio desportivo da Academia e dos seus atletas sobrepõe–se à necessidade de prosseguir os estudos e é precisamente para evitar estas situações que surge a necessidade desta carta.



Nuno Oliveira

Relativamente ao estatuto do estudante dirigente associativo, apenas algumas pessoas estão por ele abrangidas neste momento, ou seja, a possibilidade de pedir um exame por mês limita–se aos 7 cargos hierarquicamente mais elevados. É claro que esta situação deve ser regulamentada já que seria impossível à AAC subsistir com apenas 7 pessoas. Esta situação também se refere aos dirigentes associativos das secções desportivas e culturais. A definição do estatuto do estudante proporcionaria uma maior participação na AAC, como perspectiva complementar de formação global da pessoa humana.

O projecto da carta dos Direitos e dos Deveres dos Estudantes da Comissão "ad hoc" terá ainda um longo caminho a percorrer. A discussão será efectuada na sessão do Senado, irá a plenário e logo se verá se é aprovada ou não. Para esta aprovação é necessária a recolha de documentação, de compatibilização entre professores e estudantes e de um "feed–back" entre os regulamentos de cada Faculdade no que diz respeito aos órgãos de gestão.

Como referiu o Dr. Santos Silva, o Secretário do Senado, o projecto deverá visar a normalização e a uniformização de critérios em todas as Faculdades, de modo a que o estudante goze de uma aplicação igual.

O processo, moroso mas bem encaminhado, é necessário para todos os estudantes. Esta é, pelo menos, a opinião de Jorge Correia, Vice–Presidente da AAC.

Nadia, Noémia, Cecília

Cash and Queima

A Comissão Organizadora da Queima das Fitas 94 deitou contas à vida e pouco depois de a nova Comissão ter tomado posse, apresentou publicamente os resultados da maior festa de estudantes do país.

15000 contos foi o resultado positivo (assim lhe chamam os organizadores) da Queima do ano passado. Este montante foi obtido sem o aumento substancial do preço das diversas actividades, já que o que presidiu ao trabalho da COQF 94 não foi a obtenção de lucro, mas sim garantir a Queima como festa dos estudantes. E foi também com base nesta ideia que decidiram distribuir aquela verba.

Sendo a Queima uma festa da Academia, é lógico, segundo Gustavo Cordeiro, Presidente daquela Comissão, que os beneficiários dos resultados positivos que a Queima produz sejam os próprios estudantes.

Assim, daquele bolo, serão gastos 4500 contos na aquisição de uma carrinha de 9 lugares para a Associação Académica, já que esta não dispõe de nenhum veículo deste tipo há mais de um ano. Além disso permitirá que a própria Comissão Central deixe de gastar anualmente "rios de dinheiro" em aluguer de automóveis para deslocações e transporte de materiais.



D.R.

Na AAC existem muitas secções carenciadas. Atenta a este problema, a COQF entregou–lhes 4000 contos (2000 para as culturais e outro tanto para as desportivas), cujo destino foi decidido pelos recém criados Conselhos Cultural e Desportivo.

2500 contos serão reservados para o tratamento de duas estudantes que ficaram feridas na queima do grelo, uma vez que a COQF decidiu cobrir, desde o início, todas as despesas resultantes deste incidente.

O restante será gasto com a própria Queima.

2000 contos foram já utilizados para aquisição de material informático, de um telefax e de um armazém para a Queima das Fitas, uma vez que uma das principais carências actuais daquela estrutura é a falta de espaço.

Dos restantes 2000 contos, 1500 serviram para o arranque do trabalho da festa deste ano. Finalmente, foi paga uma dívida de 500 contos, pendente desde 1992, evitando–se assim o prolongamento de uma querela judicial.

CL/TM

Criados Conselho Cultural e Conselho Desportivo da AAC

As Secções da AAC e a Direcção–Geral decidiram formalizar a criação dos conselhos cultural e desportivo. O objectivo é reforçar as relações entre as secções e destas com a DG, pretendendo–se criar espaços de diálogo e consubstanciar iniciativas conjuntas. Na prática as secções passarão a reunir com regularidade visando gizar estratégias e coordenar as suas actividades, por forma a proporcionar aos estudantes que procuram a AAC para complementar as suas actividades lectivas as melhores condições possíveis.

Não sendo propriamente uma novidade, esta ideia só agora foi materializada, pois esperava–se que a Assembleia de Revisão de Estatutos integrasse estes orgãos nos Estatutos da AAC. Contudo, dado o evoluir dos trabalhos (ver "Revisão Adiada"), as secções e a DG entenderam ser preferível antecipar a formalização destes orgãos.

Para Tiago Magalhães, Presidente da DG/AAC, os conselhos agora criados permitirão aumentar o poder reivindicativo da AAC perante entidades que se têm "esquecido" de a apoiar, bem como proporcionar "mais êxitos culturais e desportivos".

Na sua intervenção, o Prof. Doutor Rui de Alarcão, Reitor da Universidade e Sócio Honorário da AAC, congratulou–se pelo facto destes protocolos terem sido celebrados no Dia da Universidade, referindo a propósito ser sua intenção que este dia passe a ser assinalado com manifestações de índole cultural. Destacou ainda o papel desta associação na vida da cidade e do país, "uma associação académica e não uma federação académica".

Revisão de Estatutos adiada

Os trabalhos da Assembleia de Revisão dos Estatutos da AAC saldaram–se numa única alteração no artigo 66º que define a constituição da própria Assembleia.

Assim a próxima ARE será constituída por 33 elementos em vez dos 60 actuais. Vinte serão eleitos nas faculdades enquanto os restantes correspondem às inerências atribuídas às "forças vivas" da Academia. Com esta redução no número de delegados pretende–se viabilizar os trabalhos de um órgão que nunca funcionou bem. Basta ver que não se chegou sequer a discutir as propostas de revisão. Apesar de alguns delegados defenderem que se devia alargar o mandato desta Assembleia, nunca se conseguiu reunir os quarenta votos favoráveis para que qualquer proposta fosse aceite.

Dada a notória dificuldade em reunir o quórum exigível, preferiu–se dar um outro fôlego a este orgão dado que, com 33 membros, o trabalho fica consideravelmente facilitado. Por certo será mais fácil a vinte e dois delegados chegarem a acordo do que aos quarenta anteriormente necessários.

Resta aguardar a eleição da próxima Mesa da Assembleia Magna para se reiniciar todo o processo.

TEUC volta ao palco

VOTAR NO TEATRO

O voto no teatro é uma coisa muito especial.
Em primeiro lugar, exige tempo. Não o tempo de fazer uma cruz e dobrar em quatro uma folha de papel. Enquanto vemos uma peça, sem nos darmos conta, passam por nós dezenas de páginas escritas que, às vezes, querem que dobremos a esquina de um pensamento qualquer e que, outras vezes, querem que risquemos (arrisquemos?) uma velha ideia.

Teresa Amaral



"Íon", de Eurípedes

EM SEGUNDO LUGAR, o voto no teatro não exige exclusividade. Podes apostar em várias coisas ao mesmo tempo, conviver com todos os protagonistas, elogiar o trabalho de bastidores, dizer que gostaste do espectáculo A, do espectáculo F, do espectáculo I, do espectáculo Q e do espectáculo V. Desde que justifiques, podes aplaudir cenas e personagens totalmente distintos sem que te acusem de incoerência ou de seres um vira–casacas. O teatro não te pede para excluires ninguém. Talvez porque o drama é de todos os dias e tudo acontece aí.

Em terceiro lugar, o voto no teatro, embora não te peça para escolheres uma e só uma opção, exige que não te abstenhas. Exige que não o votes ao abandono, estás a ver? Mesmo que uma peça te tenha deixado em branco, terá valido a pena. Mais dia menos dia uma outra vai–te mostrar provavelmente que não foi tempo nulo.

Resumindo: o teatro exige que te decidas!

É por tudo isto que a tua participação nos próximos dias é fundamental. Coimbra é o lugar de encontro de variadas iniciativas. Queres um desafio? Tenta conhecê–las a todas. Não quero propor com isto "teatro ao poder". A questão é outra. Com a tua adesão podemos dar mais poder ao teatro. Escuta agora, então, o que te é proposto para os próximos dias.

De 27 a 31 de Março, pelas 21h e 45m, o TEUC apresenta, no Teatro Académico de Gil Vicente, "Íon". Trata–se de um dos resultados do Curso de Formação 93/95. O texto é de Eurípides e a encenação é de Paulo Castro. "Íon" é uma maneira do TEUC pôr o clássico autor grego a gritar e a apontar coisas a nós, homens e mulheres deste tempo moderno tão trágico e tão cómico ao mesmo tempo. Não sei que slogan vos poderia convencer a assistir a esta peça. Mas sempre vos digo uma coisa: peguem no dicionário, procurem o significado da palavra. Pois é. "Íon" não é só um substantivo masculino; significa também "átomo carregado de electricidade positiva ou negativa". Quando os políticos vos falam em ideias–força, não sei se isso vos faz rir. Contudo, "Íon" é o nome de uma ideia dessas. A sério. Atrevam–se a descobrir porquê.

Se Eurípides e o mundo da tragédia grega vos derem volta à cabeça, voltem as vossas preocupações para outras duas iniciativas marcantes. De 27 a 31 de Março, no Mini–Auditório da AAC é apresentado um pequeno ciclo subordinado ao tema "variações sobre a tragédia grega" (dia 27- Édipo Rei; dia 28- Medeia; dia 29- Saló; dia30- Édipo Rei; dia 31- Medeia). Depois disto, mais para a noite, corram para o Auditório do Instituto Português da Juventude de Coimbra. Só têm os dias 29 de Março e 1 de Abril para assistirem às últimas representações de "Eurípides para duas mulheres", teatro para muitas mulheres e muitos homens. Todos os que quiserem descobrir como Helena Faria e Teresa Faria se desdobram em várias personagens numa encenação de José Geraldo onde se juntam e recriam pedaços do universo grande da escrita de Eurípides. É às 21h e 30m.

O outro dos resultados do Curso de Formação do TEUC dá pelo nome de "As Lágrimas Amargas de Petra von Kant". Vai estar presente no Auditório do Instituto Português da Juventude de Coimbra de 5 a 8 de Abril pelas 21h e 45m. Esta iniciativa põe–nos a confrontar dois meios de comunicação distintos: o teatro e o cinema. O nome que une esse confronto dava um prestigiado cabeça–de–lista para qualquer projecto artístico: Fassbinder. A maneira de viver este confronto é simples: à tarde, de 3 a 7 de Abril, pelas 18 horas, podes ver um pequeno ciclo de cinema deste realizador no Mini–Auditório da AAC (dia 3- O casamento de Maria Braun; dia 4- O direito do mais forte à liberdade; dia 5- Querelle; dia 6- A 3ª geração; dia 7- As lágrimas amargas de Petra von Kant); à noite, tens "As Lágrimas de Petra von Kant" pelo TEUC numa encenação igualmente de Paulo Castro. Quer o pequeno ciclo que acabei de referir quer o das "variações sobre a tragédia grega" resultam do esforço conjunto do TEUC, do CEC e do Centro de Estudos Cinematográficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Teresa Amaral



"As Lágrimas de Petra von Kant"

Para terminar, uma nota mais. Hoje, 27 de Março, Dia Mundial do Teatro, para além da estreia de "Íon", o Teatro do Morcego em colaboração com o TEUC apresenta no foyer do Teatro Académico de Gil Vicente, pelas 18h e 30m, "O Eremita... Histórias de cu e de cona". O título, pelo menos, talvez possa fazer inveja aos estrategas de campanhas que procuram as frases mais irreverentes para chamar a atenção...

André de Brito Correia

MUSEU E LABORATÓRIO ANTROPOLÓGICO

Não é apenas um museu

O Museu Antropológico está ao dispor de todos os estudantes. E é apenas uma boa desculpa para se passar uma tarde agradável, para se indagar sobre a história, tradição, usos e costumes das ex–colónias ultramarinas: do que eram, do que são, e daquilo que os portugueses por lá deixaram, ao longo de quinhentos anos.

Tiago M.



O Museu e Laboratório Antropológico é um fabuloso receptáculo de colecções etnográficas africanas, orientais e sul–americanas

JÁ VAI NO CENTÉSIMO-décimo aniversário o estudo da cadeira de Antropologia em Coimbra. Actualmente, um dos bons motivos para se visitar o Instituto de Antropologia (que se integra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra) é o seu Museu, ao dispor de todos aqueles que o quiserem visitar. O Museu Antropológico não é apenas um museu, é um arquivo da história ultramarina portuguesa, das tradições das nossas ex–colónias. É um espaço onde se afiguram objectos que retratam os povos africanos (Angola, Moçambique e Guiné), Brasileiro, Peruano, Timorense e Macaense.

Para melhor retratar a história do Museu e Laboratório Antropológico, temos que nos debruçar, numa fase inicial, sobre a sua permanência em diversas instalações. Na realidade, este tem uma longa história, anterior à sua presença na Universidade de Coimbra. Numa fase embrionária, como Museu de História Natural, foi criado pela Reforma Pombalina, nos finais do século XVIII. A partir da segunda década de 1900, foi transferido para o colégio de S. Boaventura e, com a remodelação da Cidade Universitária e consequente demolição do colégio de S. Boaventura, o Museu Antropológico passou a ocupar, desde 1949, parte do colégio de S. Bento. Finalmente, da recuperação do antigo Colégio de S. Bento, viriam a resultar as actuais instalações, inauguradas em 1966.

Actualmente, o estudo de Antropologia baseia–se em duas principais vertentes: uma mais social, a da Antropologia Cultural; e outra, da Antropologia Física, mais ligada com o Homem em si. Desta forma, o Museu e Laboratório Antropológico continua a desenvolver as vertentes de investigação ligadas à Antropologia (parte da Antropologia Física que se ocupa das determinações de medidas nas diversas partes do corpo humano) e Paleodemografia (estudo da demografia antiga), estando esta interligada com a Arqueologia. Também foram criados novos estudos de Biodemografia (referente à vida demográfica), Ecologia Humana (estudo das relações do ser humano, particularmente o homem, com o seu meio natural e a sua adaptação ao meio físico e moral) e Etologia Animal (referente ao estudo dos costumes dos animais) bem como Paleontologia Humana (estudo do Homem e fósseis humanos, principalmente através dos seus traços deixados nos sedimentos geológicos) e investigações sobre as colecções africanas ligadas ao Centro de Estudos Africanos.

O Museu e Laboratório Antropológico é um fabuloso receptáculo de colecções etnográficas, quer africanas, quer orientais, quer ainda sul–americanas. Todavia, este contém igualmente, embora em número muito reduzido, algumas colecções e objectos portugueses. A enorme sala deste museu transformou–se numa reserva etnográfica, reserva essa que reproduz os usos e os costumes luso–africanos.

A enorme sala do museu "respira" história, conhecimentos antigos. As diversas colecções encontram–se separadas por países, onde encontramos peças únicas e raríssimas de diversos países, como Angola, Moçambique, Guiné, Perú, Brasil, Macau e Timor, bem como, embora em pequena escala, Portugal.

As peças únicas que transbordam beleza "confidenciam–nos" o passado do Homem. O Museu é o local onde se podem encontrar variadíssimas colecções, desde objectos musicais, às armas primitivas, a máscaras de incomparável beleza, a objectos de bijuteria, a cabaças, pratos e objectos de variadíssimas formas, inclusivé a cestaria. São obras diversificadas, as quais não se podem deixar de ver. Estas peças foram chegando até nós desde a segunda metade do século XVIII, data de recepção de um conjunto de objectos etnográficos dos índios brasileiros, que só veio a ser incorporado no Museu Antropológico no início do século XIX.

Todavia, só em 1829 é que foi produzida a primeira relação do inventário deste museu. E foi devido a esses trabalhos de pesquisa sobre a história natural, que hoje possuimos informações etnográficas. Nessa altura, já se encontravam no Museu diversas coleções de origem africana.

Em 1885, o Museu de História Natural da Universidade de Coimbra passa a ser constituído por secções de Zoologia, Botânica, Mineralogia e Antropologia (note–se que o gabinete de Antropologia só foi criado em 1890, data onde foi organizado numa das partes do edifício do Museu).

Porém, só nos finais do século XIX é que surgem as exposições públicas, as quais vieram contribuir para o crescimento do património etnográfico. Desde aí que se realizaram diversas exposições, no intuito de dar a conhecer ao país o desenvolvimento em que se encontravam as nossas colónias. Desde aí foram introduzidas no Museu Antropológico diversas coleções oriundas das nossas colónias no Brasil, Guiné, Moçambique, Angola, Macau e Timor. O Museu vê assim valorizado o seu espólio. Contudo, a existência de peças etnográficas do Museu não se destinava apenas a especialistas na matéria; era, sim, usada com fins didácticos, na cadeira de Antropologia.

Só a partir de 1955 é que o Museu passou a dispor de um catálogo–inventário, onde foram incluídos os milhares de objectos adquiridos ao longo do tempo.

Resumindo, as colecções do Museu e Laboratório Antropológico integram elementos de todas as ex–colónias nacionais, incluindo o Brasil, merecendo especial destaque as colecções Angolanas, que, devido à sua quantidade e qualidade, consideram–se as melhores a nível nacional e das melhores a nível mundial. Nela encontramos representadas as grandes zonas culturais de Angola através de elementos diversos de cultura material dos principais grupos étnicos.

Dentro das colecções, encontramos grupos de escultura (o conjunto de estatuetas, máscaras, bastões e objectos diversos), metalurgica (técnicas de extracção do ferro, vasamento e fusão do cobre), instrumentos musicais (que vão desde o simples arco de caça, usado como instrumento, até aos xilofones com cabaças de ressonância), cestaria e esteiraria, cerâmica, tecidos e, particularmente, tampas de panela dos N'Goio de Cabinda.

Importante também, pela sua particular beleza, são as máscaras brasileiras. Estas caracterizam–se pela diversidade de cores e textura, que concedem um brilho único. Podemos considerá–las como associadas à dança, caracterizando–as pelo seu conteúdo funcional e ritual, ou pelo seu carácter estético, ou ainda pelo simbolismo e ritualismo.

Ao anunciar uma exposição sobre o Museu Arqueológico, não se pode deixar de referir o Centro de Estudos Africanos deste museu, que foi fundado em 1983. Este centro tem a finalidade de dinamizar os estudos africanos em Coimbra, a fim de contribuir para um novo relacionamento, harmonioso e equilibrado, entre Portugal e os vários países de língua oficial portuguesa.

Finalmente, não se poderia deixar de referir as Colecções Osteológicas: o Museu e Laboratório Antropológico possui igualmente três colecções desse tipo. Duas são só compostas de crânios e mandíbulas, sendo a restante de esqueletos completos. São elas a Colecção de esqueletos identificados, a Colecção das escolas médicas e a Colecção de trocas internacionais. Para além destas três colecções, o Museu possui ainda um conjunto de outras colecções osteológicas não identificadas. Salienta–se as principais: Colecção de crânios de Timor; Colecção da Silveirona; Colecção de S. João de Almedina e Colecção dos cemitérios velhos de Cascais..

Infelizmente, este museu não está aberto ao público em regime de horário fixo, pois, a partir de 1981 procedeu–se à reestruturação do Museu em reserva visitável. Desta forma, o acesso só é permitido de modo a que os alunos, especialistas e interessados na matéria o pudessem visitar, a título particular, uma vez que se encontra encerrado ao público em geral. Uma das razões desta situação é a falta de privacidade de locais apropriados para exposições permanentes e temporárias. Desta forma, o Museu e Laboratório Antropológico procura dar o seu contributo através de exposições realizadas "em corredores", locais impróprios, mas que se afiguram como a única solução.

Esta é, obviamente, uma situação precária. Deste modo, esperamos impacientemente que o Museu adquira uma nova funcionalidade, ultrapassando a sua concepção de Arquivo, e tornando–se num espaço de encontro de culturas.

Dina Campino

APRESENTAÇÃO FINAL NO AUDITÓRIO DA REITORIA

Forum Pedagógico

O Forum Pedagógico é um dos exemplos do interesse e empenho dos estudantes em tornar a nossa Universidade numa Universidade aberta. Desta forma se conclui que as actividades pedagógicas não podem ser postas de lado. Quem não teve a oportunidade de assistir a estas reuniões, não desespere. Os Forum são um projecto contínuo, inacabado, que necessita de participação de todos.

O PROJECTO DO FORUM Pedagógico partiu da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra. Porém, não é um projecto exclusivo da Direcção–Geral, mas de todas as pessoas que integram a Universidade de Coimbra: alunos, professores e funcionários, das sete faculdades. A apresentação global teve lugar no auditório da reitoria, ao longo dos dias 7,8, 9 mês de Março.

O objectivo dos participantes foi o de discutir e obter conclusões para os problemas que afectam especificamente cada faculdade. Só desta forma será possível a reflexão e diálogo entre os mais interessados; só assim se poderá melhorar a qualidade do ensino na Universidade de Coimbra.

As reuniões não cessaram, porém, no dia nove de Março. Deverão continuar, não de uma forma periódica, mas sempre que seja necessário resolver problemas e casos pontuais, do dia–a–dia. Deverão assim fazer parte do dia–a–dia, surgir de uma forma natural, sem data pré–determinada. Além disso, no final do mês de Julho (final do ano lectivo) irá proceder–se a um balanço final de tudo aquilo que foi feito, daquilo que deu resultado, do que falhou e de quais foram as razões desse falhanço.

Nos dias sete e oito realizaram–se reuniões nas sete faculdades que constituem a Universidade de Coimbra. Os resultados variam de faculdade para faculdade, salientando–se o caso da faculdade de Letras, onde nem sequer chegaram a funcionar grupos de debate.

No dia 9, decorreu a sessão de apresentação dos resultados finais dos trabalhos, no auditório da reitoria.

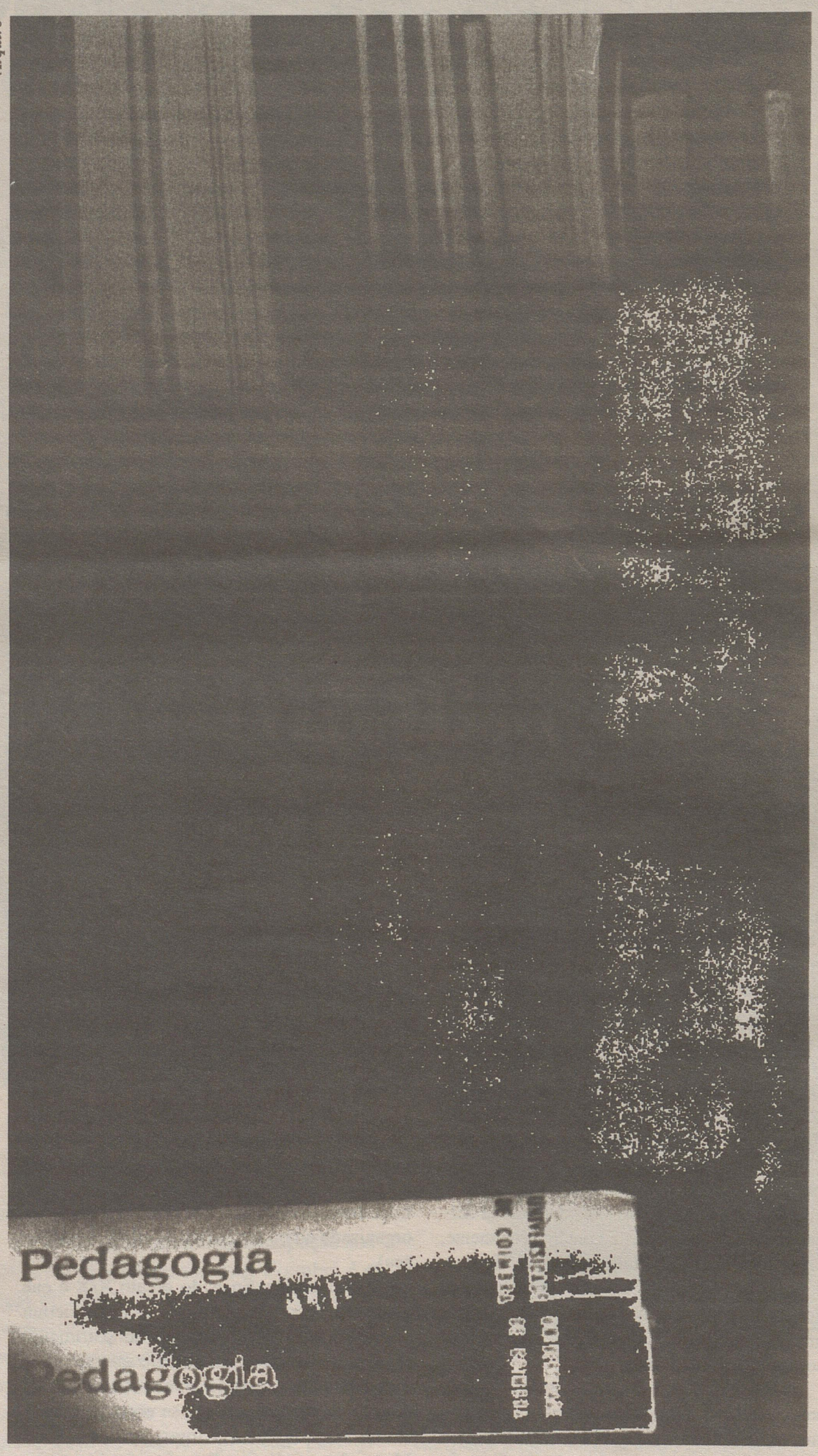
Nela forma apresentados os resultados das debates gerais da Universidade.

Que estudantes estamos a formar?

O primeiro grupo temático apresentado intitulou–se "Que estudantes estamos a formar?". Nele se debateu inclusive o título, que poderia ser substituído por "Que estudantes vamos formar?". Este grupo não conseguiu angariar nenhum participante de Psicologia nem de Sociologia, facto que os participantes lamentaram. O tema é já, de si, bastante ambíguo e abrangente: a discussão da formação cultural e cívica dos nossos estudantes é um tema enorme, e irá ser preciso muito mais tempo para o resolver. Falou–se da mudança de mentalidades e da mudança dos alunos, da mudança de valores, não só dos estudantes, mas também da própria sociedade em si. De facto, esta geração de estudantes é uma geração pós–vinte e cinco de Abril, o que muito a influenciou, mas que tem, tal como as outras gerações, os seus valores, os seus gostos, o seu próprio estilo. Actualmente, os alunos têm tendência para não considerar o curso como um todo, o que é um erro. Apenas lhes interessa acabar o curso, sem ter em atenção aquilo que o curso lhes poderá dar, todos os conhecimentos que poderão adquirir. O problema fulcral reside em não se dever esquecer os problemas sócio–culturais. Uma das funções da Universidade é a de formar jovens, de lhes fornecer orientação, não apenas a nível técnico, mas a nível de valores, de forma a que os estudantes possam ser cidadãos plenos de valores e espírito crítico.

Mas será que a Universidade tem direito a intrometer–se nestes fenómenos? Que capacidade tem a Universidade para resolver estes problemas? As soluções apresentadas foram de diversa ordem, desde as visitas guiadas com os alunos do primeiro ano à sua faculdade, à promoção de investigadores. A Universidade em si não pode limitar os horizontes dos estudantes. Pelo contrário, deve promover a formação o mais variada possível.

Arquivo



Senado

O segundo grupo temático, intitulou–se "Senado e Estatutos". Insistiu–se na formação cívica, técnica e profissional dos estudantes. A Universidade não pode deixar de pensar nos seus estudantes como pessoas. O curso em que o estudantes está inserido não deve ter apenas uma componente técnica, mas total e completamente abrangente. Os temas não referentes à Universidade não lhe devem ser estranhos. Os estudos do aluno não se devem resumir a uma parte específica, sob o risco de se limitar a educação do aluno. A geração actual tem o direito de criar a sua própria cultura; cada geração tem o seu próprio mundo, e tem de adaptar–se ao desenvolvimento do seu tempo. A Universidade tem que criar indivíduos livres, com espírito crítico, participantes e interessados na sociedade que os rodeia. O Forum Pedagógico é um bom exemplo disso. O debate temático "Senado e Estatutos" tentou descobrir não só soluções para melhorar o funcionamento do Senado, mas também para alterar o seu regulamento. Porém, muitas das possibilidades que foram exploradas, não têm viabilidade prática. Este debate revelou–se porém menos ambicioso do que os outros.

Saídas profissionais

O grupo de debate "Saídas Profissionais e Marketing da Universidade" assumiu particular importância para os estudantes que se encontram no fim do curso. A solução da questão de Marketing da Universidade de Coimbra radica na opinião geral dos estudantes de que se devia constituir um gabinete de Marketing. Este gabinete deveria criar um stand com fotografias e panfletos promocionais para dar a conhecer a Universidade a todos os alunos do 7º, 8º e 9º ano. A partir do 10º ano a publicidade passaria a ser mais complexa. Só desta forma é que a Universidade Coimbra, para além dos seus 700 anos de existência, poderia afirmar–se para o futuro. Por fim, no acto da matrícula, os alunos, que se inscrevessem na Universidade pela primeira vez, deveriam receber informações sobre o seu curso e sobre toda a Universidade.

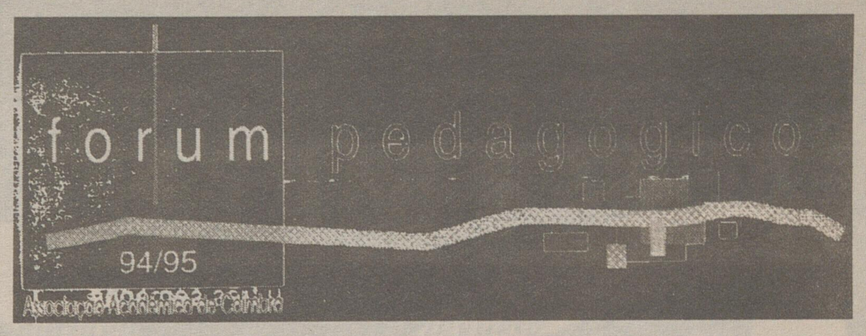
Sobre as saídas profissionais, a Universidade, para além dos contactos que deveria fazer com empresas e postos de trabalho, deveria igualmente manter a ligação com os seus antigos estudantes.

Além disto, este grupo de debate insistiu na atribuição de prémios aos melhores estudantes.

Pólos que Futuro?

O grupo temático "Pólo I, Pólo II, Pólo III, que futuro?" tentou fazer um ponto da situação destes três centros. Assim, concluiu–se que o principal problema do Pólo I é a falta de espaço -existem situações verdadeiramente insuportáveis, principalmente nas faculdades de Direito, Letras e Farmácia. Nesta última, a situação é verdadeiramente calamitosa e, até que se efectue

em Revista



a transferência para o Pólo III, a solução seria a de esta faculdade poder ocupar salas vagas deixadas pelas engenharias que já estão a funcionar no PóloII.

Os alunos da faculdade de Economia também sofrem com a falta de espaço. Para estes, a solução poderá ser a de esta faculdade ocupar as instalações do ISCA, uma vez que este Instituto vai abandoná–las brevemente. No PóloII, os dois grandes problemas são a inexistência de cantina e a distância que o separa da Associação Académica. A solução passa por haver transportes entre os três pólos, que facilitem a comunicação: pode criar–se transportes próprios da Universidade que, a toda a hora, efectuem a ligação.

Serviços Centrais

No Grupo de debate "Serviços Centrais", quatro grandes problemas foram levantados a nível global da Universidade. A informação, a coordenação da informação, a formação do pessoal não docente e a carência do pessoal não docente.

Discutiu–se em particular o problema da carga burocrática, havendo uma necessidade óbvia da sua redução. Verificou–se que os alunos estão mal informados em relação aos órgãos da Universidade. As soluções residem na organização de reuniões entre os serviços académicos e os serviços administrativos os representantes de cada faculdade. Actualmente, está a ser estudada a criação de um gabinete de informação na Associação Académica, onde os estudantes poderão ser esclarecidos sobre quaisquer dúvidas.

Carreira Docente

Em relação ao Estatuto da Carreira Docente, foi unânime que o estatuto actual está desactualizado. A discussão sobre os quadros ficou–se pelas ideias, não se chegando a muitas conclusões. Toda a carreira docente deverá ser clarificada; o processo de ascensão na carreira docente deverá ser público, através de concursos. Outro dos problemas é o estatuto pedagógico e as provas a que os professores têm que se submeter já no fim da sua carreira para serem promovidos. O salário baixo dos professores é outra questão. Por fim, surge a questão da exclusividade. Os professores, no geral, lançam a proposta de que os professores deviam subir na carreira docente segundo a sua produção científica.

Discursos

A apresentação final do Forum Pedagógico terminou com uma reflexão do Presidente da Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra, Tiago Magalhães, e um curto discurso do Reitor, Rui de Alarcão.

Tiago Magalhães referiu–se à distância entre a faculdade de Economia e a Faculdade de Psicologia e o centro, o que constitui por si só um afastamento entre os alunos do Pólo I. Lembrou que o projecto do Forum Pedagógico foi discutido no Senado e aprovado por todos os órgãos de gestão. Infelizmente, devido à diversidade e amplitude dos temas, estes tiveram que ser reduzidos, o que equivaleu a perda de informação. O Presidente da Direcção–Geral aludiu ainda às diversidades dentro das próprias faculdades. "A conclusão evidente que se nos depara é que a Universidade de Coimbra para se cumprir não pode deixar de resolver os problemas imediatos, aqueles que mais directamente afectam os estudantes. A Universidade não se pode permitir a ter problemas graves, que afectam directamente os estudantes.

Não é possível ir mais além sem se resolverem estas questões. O que não se pode deixar de fazer é empreender as soluções que surgiram neste Forum."

Ao longo do seu discurso, Rui de Alarcão não deixou de elogiar os estudantes que, desde sempre, promoveram iniciativas como esta e de criticar os professores que sempre se mostraram muito mais passivos. Pensa que todas estas questões têm que ver com questões de metodologia ou de método, e só através de um bom método é que as poderemos resolver. Na opinião do Reitor, o Forum é o método correcto. Mostrou–se satisfeito, porque, na sua opinião este Forum deu um grande passo, um passo decisivo. Referiu–se ainda à quota de culpa que todos nós temos e é por isso que todos os alunos, professores, e funcionários deverão participar neste Forum.

Mostrou–se confiante, apesar de referir que "a ideia de querer resolver todos os problemas é utópica, pois todos os dias surgem problemas novos" -daí a necessidade de um Forum permanente.

Na realidade, o Forum foi uma iniciativa que resultou, à excepção da faculdade de Letras. O Forum traduziu–se num levantamento dos problemas correntes de cada faculdade e na proposta de soluções adequadas, algumas das quais já estão a ser postas em prática. Muitos foram os alunos, professores e funcionários que participaram. Espera–se que os objectivos deste Forum sejam alcançados e que o seu fim não esteja próximo.Repetir a experiência nos próximos anos ou transformá-la numa realidade do quotidiano estudantil são duas formas de realizar os fins para que os foruns foram concebidos. Consegui-lo apenas depende de nós.

Dina Campino

O Forum nas Faculdades

Faculdade por faculdade, muitos foram os temas em debate. Os resultados também variaram, consoante o empenho dos participantes ou a aridez dos assuntos. Em resumo, aquilo que aconteceu em cada uma delas nas reuniões que precederam a apresentação final.

Faculdade de Direito

Funcionaram durante o mês de Janeiro as reuniões dos Grupos de Debate Temático do Forum Pedagógico, com a participação de 45 estudantes e 12 docentes. Foram criados sete grupos de trabalho que discutiram e debateram os problemas mais eminentes. Avaliação contínua; regulamento interno; provas orais; provas escritas; aulas; plano de curso; prescrições foram os temas debatidos.

Tudo aquilo a que os grupos de trabalho se propuseram está a ser alcançado.

Faculdade de Economia

As reuniões dos grupos de Debate Temático do Forum Pedagógico funcionaram também durante o mês de Janeiro, com a participação de cerca de 65 estudantes, 20 docentes e 5 funcionários. As reuniões funcionaram de modo diferente das outras faculdades, talvez devido aos poucos anos de existência da Faculdade.

Houve apenas o intuito de criação de um instituto de solidariedade, de forma a que todos pudessem dar a sua opinião.

Esta iniciativa teve o apoio dos três presidentes -directivo, científico e pedagógico.

Foram constituídos doze grupos, mais tarde foram reduzidos a sete. Os problemas básicos incidiram sobre a descentralização dos serviços (e circulação de informação), adaptação dos espaços físicos às necessidades (e horários de funcionamento da faculdade), relação pedagógica (adequação pedagógica e meios de apoio pedagógicos) e critérios de avaliação.

Faculdade de Letras

Tal como nas outras faculdades, o convite foi feito a todos os alunos, professores e funcionários. Nesta faculdade as coisas não correram pelo melhor, pois não foi possível a discussão dos problemas apresentados pelos alunos. Desta forma, realizaram–se apenas debates sobre os temas mais importantes, como os estágios (política da faculdade em relação ao número de vagas e comparação com a política de outras faculdades) e a avaliação (comparação com as médias de outras faculdades de Letras e repercussão das médias finais, quer na colocação dos estágios, quer ao longo da carreira docente), todos discutidos num só reunião.

FCTUC

Nesta faculdade, o trabalho foi bastante mais extensivo, já que ela se divide em 14 departamentos e 19 cursos. Desta forma, actuou–se em dois níveis: a nível da faculdade e a nível dos departamentos. Salienta–se as boas conclusões dos cursos de Bioquímica e Engenharia Química e a fase embrionária em que ficou o curso de Química.

Os temas principais foram: habilitações para a docência; cadeiras propedêuticas; saídas profissionais e Marketing da Faculdade; eficácia dos órgãos de gestão e coordenação inter–departamental.

Faculdade de Farmácia

Nesta faculdade, o debate funcionou em termos muito diversos das restantes faculdades. Constituiu–se dois grandes grupos. O primeiro tratou do funcionamento interno (biblioteca, higiene, serviço de fotocópias, bar, NEF/AAC) e da Gestão de Espaços (défice de espaço e material no laboratório, défice de espaço, relação espaço/aluno, financiamento, numerus clausus versus financiamento, futuras instalações da faculdade); o segundo grupo tratou de questões pedagógicas (aprovação com notas gradualmente baixas, épocas de exames, aulas práticas quinzenais e novos métodos de ensino).

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

As reuniões pedagógicas contaram com a participação de cerca de 40 alunos e 15 professores, divididos por catorze grupos de debate.

Estes variaram entre o muito bom e o mau, sendo positiva a participação e energia dos alunos, e negativo o número reduzido de professores envolventes.

O programa, no geral, referiu–se a actividades extracurriculares da faculdade (prática psicológica nos estudantes de psicologia, bem como a média das frequências para a nota final da cadeira), a falta de informação aos alunos acerca da reestruturação curricular/organização do curso em ramos (indefinição dos estágios de ciências da educação e saídas profissionais, bem como relevo dos trabalhos práctico na formação curricular) e a relação edifício/faculdade (horário para trabalhadores estudantes e férias de ponto).

Faculdade de Medicina

Nesta faculdade foi feita a apresentação de trabalhos e discutiram–se os resultados em oito grupos de debate temático, onde participaram 21 docentes, 2 funcionários e 61 estudantes.

Os principais temas debatidos foram as perspectivas de reforma do ensino médico na FMUC, a avaliação, a aquisição de fotocópias nos diversos institutos/serviços, a aferição da qualidade pedagógica do ensino ministrado na FMUC, a instituição de estágio científico integrado no curso e, por fim, a abertura de uma sala de estudo nos hospitais da Universidade de Coimbra e garantir o acesso a refeições a preços sociais para os estudantes no refeitório do Hospital da Universidade de Coimbra

Dina Campino

DOM DINIS

MÚSICA AO VIVO * CINEMA * SERVIÇO DE BAR * SALA DE PIANO

EÇA DE QUEIRÓS

150 anos depois

Eça de Queirós é uma figura capital do romance português e da cultura portuguesa. A fim de celebrar os 150 anos do nascimento do autor convém lembrar o conjunto da sua obra. Eça é o escritor português mais lido no estrangeiro, tem sido traduzido para várias línguas, de salientar, ultimamente, para a língua russa. Com o apoio de várias instituições e da tradutora Liliana Brebern conseguiu–se realizar um sonho de longa data. Existem estudos sobre Eça de Queirós e a sua geração onde se destaca a Revista Queirosiana do Sr. Prof. Dr. Carlos Reis e da Associação dos Amigos de Eça. A Fundação Eça de Queirós também participa neste tipo de estudos que englobam um âmbito internacional a que se chamam Encontros Internacionais Queirosianos. Eça, 150 depois não é um mistério para o mundo nem para a cultura portuguesa.



D.R.

A Queirosiana

A Revista de Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração surgiu em Dezembro de 1991 sob a responsabilidade da Associação de Amigos de Eça de Queirós, contando com o apoio da Fundação Eça de Queirós e é dirigida pelo Sr. Prof. Dr. Carlos Reis. O seu aparecimento justifica–se por várias razões: porque Eça de Queirós, a sua obra e o seu legado literário constituem motivos de reflexão crítica, ensaística e histórico–literária constantemente activos e porque parece conveniente dispor de uma publicação que (...) corresponda ao interesse suscitado por Eça e pela sua obra.

A Queirosiana possui quatro números desde 1991. O número dois surgiu em Julho de 1992, o número três em Dezembro de 1992 e o último número em Julho de 1993.

Em todos os números a Revista propõe a intenção de renovação dos estudos queirosianos em Portugal e no estrangeiro. Possui um sumário onde se definem os pontos essenciais de referência. A Apresentação é o primeiro ponto onde, com a assinatura dos Amigos de Eça de Queirós, se define uma linha objectiva. O ponto número dois do sumário -Estudos Queirosianos- faz leituras de Eça e da sua geração. O ponto número três -Documentos de Trabalho- edita textos críticos como Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós: estado da questão (nº1). O ponto quatro é Leituras Queirosianas e referem–se às várias obras. O último ponto da Queirosiana é o Noticiário da Associação de Amigos de Eça de Queirós, actividades da Fundação Eça de Queirós e Encontros Internacionais de Eça e eventos como tal.

O próximo número da Queirosiana é duplo (nº 5 e 6) e sairá daqui a um mês e é esperada com grande expectativa dados os 150 anos do nascimento do escritor. Como diria Eça sobre a utilidade das revistas do seu tempo, a "Revista é uma dedicada amiga".

Biobibliografia

1845- Nasce José Maria de Eça de Queirós a 25 de Novembro na Póvoa do Varzim.

1865- Depois de uma infância e adolescência afastada do lar paterno, faz a sua formatura em leis em Coimbra onde, faz parte do grupo académico Escola de Coimbra, é espectador da Questão Coimbrã e mais tarde das conferências do casino.

1866-67- Escreve artigos e relatos na Gazeta de Portugal, onde surgirá Prosas de Portugal. No fim dos estudos exerce advocacia em Lisboa e dirige um jornal político.

1869- Assiste à inauguração do Canal de Suez e viaja pelo Oriente. Quando regressa entra no serviço diplomático. Logo a seguir exerce em Leiria funções de administrador do concelho.

1870- Publica a primeira tentativa ficcionista com Ramalho Ortigão '' O mistério da casa de Sintra''.

1871- Publica a primeira tentativa ensaísta com Ramalho Ortigão, ''Da Política, das Letras e dos Costumes''. As Farpas- Conferência ''O realismo como nova expressão da arte''.

1872- Nomeado cônsul em Havana.

1874- Transferido para Inglaterra onde escreve O primo Basílio que vem a ser editado em 1878.

1875- Sai o texto O Crime do Padre Amaro na Revista Ocidental que vem a ser remodelada.

1876- Segunda versão de O crime do Padre Amaro.

1880- Terceira versão de O crime do Padre Amaro. O Mandarim.

1887- A Relíquia.

1888- Os Maias. O autor liga–se a uma família aristocrática, casando com a irmã do conde de Resende. Fixa–se em Paris.

1889- Nomeado cônsul em Paris donde envia para os países de língua portuguesa os seus Bilhetes de Paris, Cartas Familiares e Ecos de Paris onde se demonstra decepcionado com a capital europeia do tempo.

1889-90- Principia a publicar ''A correspondência de Fradique Mendes'' na Revista de Portugal.

1889-92- Funda a Revista de Portugal onde colaboram nomes como Antero de Quental e Oliveira Martins.

1896-97- Co–organiza e prefacia o Almanaque Enciclopédico.

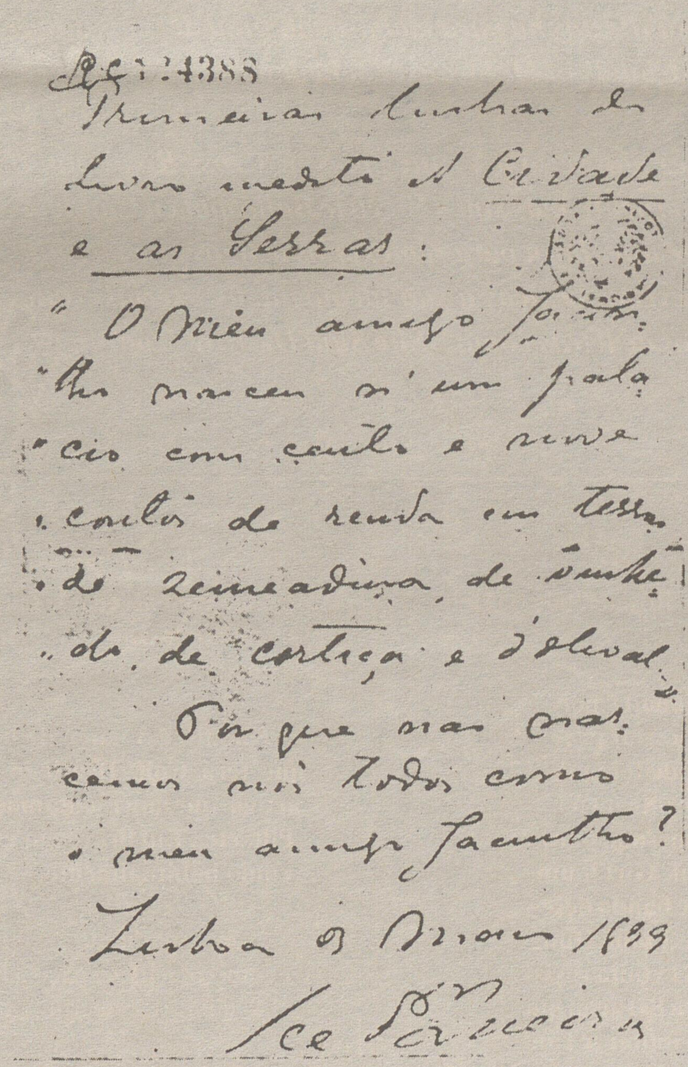
1897- Publica A ilustre Casa de Ramires na Revista Moderna.

1900- Eça de Queirós morre a 16 de Setembro na sua residência de Neuilly, Paris.

Deixara ainda inédito um espólio considerável.

Cecília Oliveira

"Convém lembrar que a produção literária queirosiana (e sobretudo a que é anterior a Os Maias) está estreitamente ligada aos grupos culturais em que o escritor se inseriu e em especial à Geração de 70. É no quadro do programa dessa geração (liderada pela figura carismática de Antero de Quental) que Eça rapidamente supera uma vivência literária romântica e algo boémia, de que resultaram os textos reunidos no volume póstumo Prosas Bárbaras (1903).



As primeiras linhas de *A Cidade e as Serras*

Depois disso, a participação nas conferências do casino (1871) é o momento ideal para a divulgação do realismo e do naturalismo em Portugal, divulgação não isenta do tom de controvérsia que caracterizou aquele evento. Discípulo confesso de Flaubert, Proudhon e Zola, Eça procura agora aprofundar o processo crítico da sociedade portuguesa, iniciado em *As Farpas*, num outro registo e de parceria com Ramalho Ortigão.

Os romances *O Primo Basílio* (1878) e *O Crime do Padre Amaro* (1880) são disso mesmo uma consequência directa. Se no "episódio doméstico" que *O Primo Basílio* procura representar está em causa a crise moral da família lisboeta da média burguesia, nele encontra–se também, em função do adultério da protagonista, uma denúncia dos vícios do romantismo sentimentalista, enquanto factor de degenerescência dos costumes. Já em *O Crime do Padre Amaro* são as "cenas da vida devota" de uma pequena cidade de província (Leiria, observada directamente pelo escritor quando ali foi administrador do concelho) que enquadram a relação amorosa de um padre sem vocação com uma jovem deformada por uma educação religiosa fanática.

O romance *O Crime do Padre Amaro* ocupa um lugar fundamental na evolução queirosiana também porque, através das suas três versões (1875, 1876 e 1880), Eça vai refinando processos artísticos que tendem a afastá–lo do naturalismo, pela via da reflexão da psicologia dos personagens ou do recurso a procedimentos simbólicos.

A novela *O Mandarim* confirma esse afastamento e faz pensar, através do culto fantástico, numa revalorização do romantismo que seduzira o jovem Eça; com A Relíquia (1887) não se abandona ainda a crítica de costumes (de novo os religiosos), mas reafirma–se o interesse pelos cenários oníricos e pelos ambientes exóticos, neste caso do Egipto e da Palestina, que Eça visitara na sua juventude.

As obras posteriores a *Os Maias* constituem o testemunho de uma diversificada atenção de Eça por temas e problemas que preocupam o homem do fim do século e a sociedade portuguesa em acentuada decadência histórica. As cartas de *A Correspondência de Fradique Mendes* (que começam a ser publicadas em 1888) revelam uma personalidade (Fradique Mendes, dandy, turista, intelectual dispersivo e escritor em busca da forma perfeita) e uma filosofia de vida (o fradiquismo) feitas de individualismo, idealismo artístico, elitismo cultural e nostalgia pela sociedade anterior ao liberalismo. Os romances finais (não inteiramente vistos pelo escritor), *A Ilustre Casa de Ramires* (1900) e *A Cidade e as Serras* (1901), são, num registo simultaneamente ficcional e simbólico, uma reflexão sobre o destino do homem português e da sua pátria em crise e também, no segundo caso, uma ponderação sobre os excessos da civilização finissecular e as alternativas que a terra portuguesa pode apresentar a esses excessos''

Texto extraídos de Panorama da Literatura Universal - Círculo de Leitores
Com permissão do próprio autor
Carlos Reis

DEATH IN JUNE

É dos poucos franco atiradores croatas que ainda resiste. Comanda o esquadrão NER (New European Recordings) e tem a confiança de resistentes como Boyd Rice, Ian Reed, David Tiffen, Tony Wakeford ou David Tibet (chefe do aniquilado esquadrão anti–record), entre outros.

Cabelo curto, estatura média, cerca de 40 anos e 14 de lutas na resistência. No seu camuflado militarista orgulha–se do dístico "but what's ends when a symbols shatter", que transporta numa braçadeira vermelha com uma águia em relevo.

Como qualquer outro franco atirador, a sua sobrevivência depende muito da sua capacidade de disfarce. Os objectivos humanitários, uma barriga pouco habitual para um independentista e o seu ar inofensivo, são os grandes trunfos deste fascista confesso nas buscas sérvias.

O esquadrão NER é pertença da resistência World Serpent e tem um historial de operações que foram baptizadas com os nomes: "Nada", "Brown Book", "wall of sacrifice", entre outras. A sua sede internacional, conhecida no comando por bar maldoror, não é mais do que um armazém de localização desconhecida dentro de Londres, que serve de habitação a Douglas P. nas suas passagens, e que já foi referenciado inúmeras vezes por conter esculturas de Arno Breker, filmes de Leni Riefenstahl ou a mais completa, bibliografia de Aleister Crowley e a sua aurora dourada, entre outras preciosidades.

Aproveitando a estada na Grã–Bretanha para elaboração final de mais uma operação, já com nome "Rose Clouds of Holocaust", chegamos mais uma vez à conversa com Douglas P..

O local de encontro desta vez não seria a Venue em New Cross Road (uma espécie de delegação da world serpent), mas sim a Electric Ballroom en Candem Town, e eu tinha ainda cerca de uma hora para remexer os artigos que possuia sobre Douglas P.. Velhas entrevistas críticas à sua ideologia, às "férias" que passa na Croácia, aos objectivos de letras como "She Said Destroy", ou ... do hino nacionalista em "Brown Book".

Também as justificações se tornam repetitivas: os desmentidos que o tema "Ku Ku" nada tem a ver com ku klux klan, que a admiração pelos current 93 (plenamente retribuida) é meramente musical e não política, que as estadias pela Croácia são com fins humanitários de solidariedade para com os hospitais croatas que lutam com falta de meios (as receitas da operação "Something is Coming" foram totalmente para a causa), etc. E se a Croácia foi a única parte da ex–Jugoslávia que lutou ao lado da Alemanha, isso é mera coincidência, nada tem a ver com o caso!

Curiosas são sempre as fotografias da carreira de Douglas. Numas a lembrar um oficial semi–disfarçado das extintas SS, noutras um "simples" anti–cristo, capaz de escrever " Leper Lord" numa das paredes da velha catedral de Westminister Abbey.

21.30 - Tomo a Northern Line para Candem Town. Na viagem, folheio o New Musical Express e vou pensando como a imprensa musical é capaz de baralhar simples imagens com ideais políticos. Amanhã, no Forum, irão tocar os Ministry e era natural que abrissem o concerto, uma vez mais, com "New World Order", em que Al Jourgansen aparece em palco de boné das SS.

Também Douglas P. tinha um pequeno projecto de nome Death in June, contado pela imprensa muitas vezes como sendo de direita?... Um projecto musical de direita?!? Eu nunca tinha ouvido Death in June, mas se era de direita, possivelmente só gravavam em mono no canal direito, ou então gravavam em stereo, para disfarçar, mas em concerto, acumulavam todos do lado direito do palco, ou os CD's abriam ao contrário... para o lado direito?

Já saiu o novo dos Death in June "Rose clouds of Holocaust".

Courtney Love, agora acompanhada por Evan Dando (Lemonheads), voltou a criar problemas! Agora foi na Austrália, onde foi multada pelo seu comportamento durante o vôo. Surpresa, foi o convite feito à mesma, para tratar da banda sonora de "Tank Girl", um filme inspirado na personagem de banda desenhada criada por Alan Martin e Jamie Hung Long (editada em Portugal via a extinta revista animal). É que quem conhece a BD acha que Courtney se presta em muito a imitar a Tank Girl, daí em vez de banda desenhada, o papel principal caia–lhe como uma luva!

Os Rage against machine voltam em Abril.

A tal banda de John Murphy, Boyd Rice e Douglas P., de que falámos na última edição, já tem nome definido: Scorpion Wind.

David Bertman, dos Silver Jews, anda com um CD a cabeça de Frank Black, no back stage dum concerto em Massachussets. Desde o lançamento do segundo LP da carreira a solo do ex–Mixies que Frank andava a pedi–las. O que parece é que um simples CD na cabeça não foi suficiente para acordar o leitão black. David promete atirar com algo mais pesado para a próxima!!

Kadath é o nome de um novo Fanzine que terá Coil, Death in June (o mesmo artigo que apresentamos neste número), Pilt, etc.. Em breve em exibição via postal como habitualmente.

Já a partir do próximo número vai-se começar a dar espaço a bandas desta cidade. A honra de abertura pertence aos Tedio-Boys.

Ainda em matéria de Fanzines fica o conselho "U Argonauta" das Caldas da Rainha com especial cuidado dedicado à fotografia.

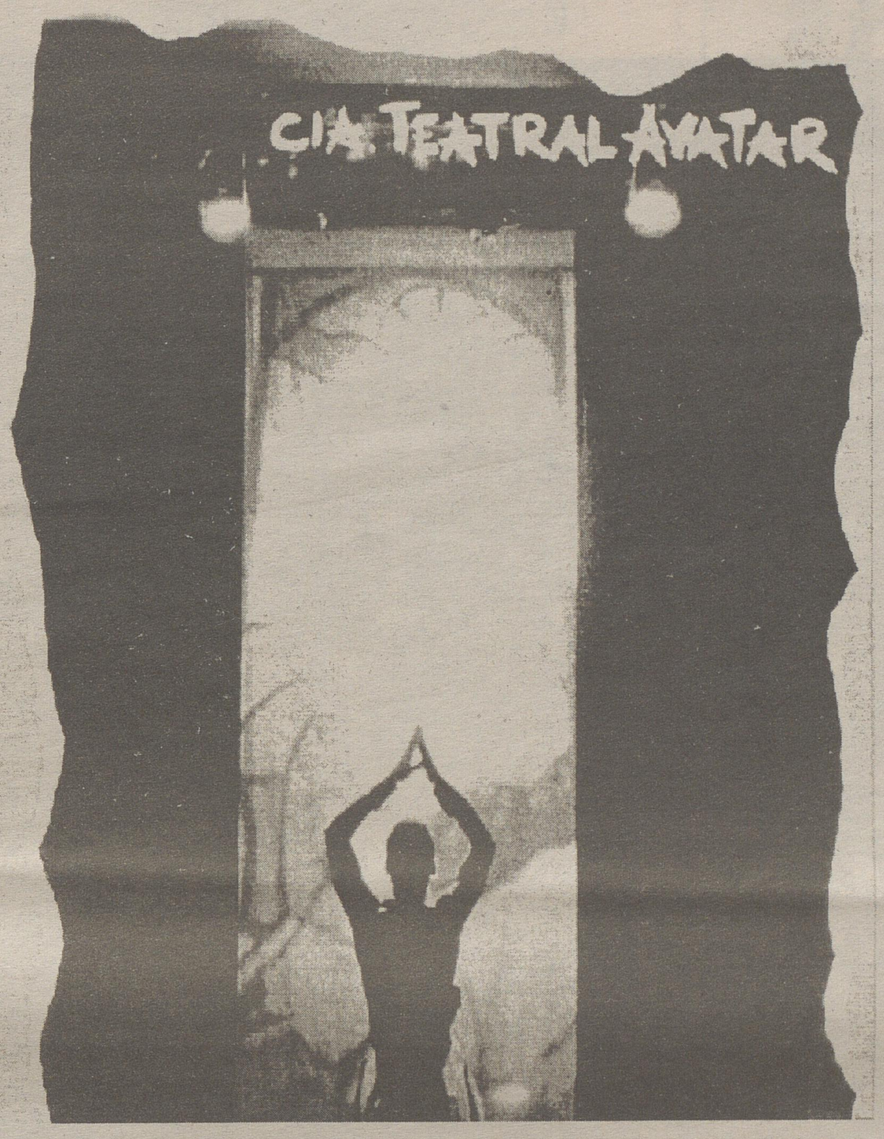
"Music for strange dreams" é o nome da primeira colectânia da etiqueta Enochian Calls. São 18 os projectos envolvidos, 11 vindos de França, 2 da Bélgica e de Portugal, e apenas um projecto a representar os países da Alemanha, Itália e Espanha. O preço é de 3000$ (com portes incluídos) e os pedidos devem ser dirigidos à rua Dr. José Alberto dos Reis, nº5, 1/c- 3000 Coimbra.

Playlist de Marco "As Falanges do Imperium" (RUC). 2ª, 4ª, 6ª no Rock Xintez.

- Nine inch nails (mr. Self Destruct).
- Sebadoh (Careful).
- Leaving Trains (Ice cream truck).
- Cream 8 (Water feels so comfort...).
- Merry Thoughts (Success).
- Rig (Tania).
- Diary of Dreams (Phantasmagoria).
- Therapy? (Fem Tex).
- From laughter to tears (Teach me...).
- Children of no return (Time).
- Girls against boys (cruise your...).
- My dying Bride (Transcending).

Regresso às origens

No âmbito das V Jornadas Lusófonas, Coimbra teve a oportunidade de ver a estreia nacional da peça Kaô. A peça brasileira foi trazida até nós pela Companhia de Teatro Avatar, que, não obstante a longa tourné internacional, nunca tinha estado em Portugal. Este interessante trabalho de dinamização cultural, procurando delinear a formação da cultura brasileira, em especial as religiões e os rituais afro–brasileiros.



É nesse contexto que se enquadra a peça "Kaô", uma história que desenvolve o processo de pesquisa sobre os mitos religiosos africanos.

Como afirmam os responsáveis, a peça refere–se a uma época pré–racional. Por isso, o seu conteúdo é racionalmente imperceptível, estando sempre no limite entre teatro e dança.

A Companhia Avatar situa–se no domínio experimentalista, definindo o teatro como um sonho em que o invisível, o mágico e o místico se tornam visíveis.

Apesar destes objectivos não serem totalmente conseguidos, destaca–se o carácter extremamente visual e corporal da peça. As interpretações de Wilton Rafael (o Homem Natural) e Andreia Elias (a Mulher de Metal) revelam o grande conhecimento de dança afro–baiana, e a iluminação e direcção musical de Paulo Atto (ver entrevista) são, também, de grande nível.

Acompanhando a peça esteve patente uma exposição de cartazes e instrumentos musicais baianos intitulada "Caminhos da Bahia", cidade donde é proveniente a Companhia Avatar.

Paulo Jorge Barbosa.

acTUs

encontros de Teatro Universitário

Está prevista para a última semana de Maio a realização em Coimbra dos encontros de Teatro Universitário. Este projecto, de seu nome acTUs, organizado em conjunto pelo CITAC e pelo TEUC, conta com a participação de grupos de teatro de Universidades de todo o país. Estes grupos apresentaram ao todo oito espectáculos em várias salas da cidade. Haverá também debates, conferências, exposições de fotografia, animação de rua e mesmo animação nocturna com espectáculos de café-teatro em bares. Tenta-se assim cativar o interesse do público para uma semana de cultura que promete ser grande.

acTUs
encontros de Teatro Universitário

O homem da companhia

Paulo Atto foi o criador da Companhia Avatar da qual é director artístico.
Do seu vasto curriculum, consta a direcção do jornal "Plateia e Cia", a publicação de diversos artigos sobre produção teatral e a organização de vários cursos de interpretação, teatro e dança.
É um dos grandes dinamizadores do teatro bahiano, dirigindo, além da Companhia Avatar, o Grupo de Teatro da Telebahia e o Grupo de Teatro Coelba.
A sua presença em Coimbra foi um bom motivo para uma entrevista, de que publicamos alguns excertos.

A Cabra- Fale–nos um pouco das actividades e objectivos da Companhia Avatar.

Paulo Atto- Bem, o trabalho da Companhia é um trabalho de resgate das raízes culturais brasileiras a partir de confluências da tradição cultural portuguesa, dos índices da cultura indigena que resistiu no continente americano, e dos escravos africanos.

Com toda esta fusão operou–se um fenómeno sincrético e é sobre esta fusão que estamos desenvolvendo um trabalho para o actor, baseado nestas manifestações, principalmente nas religiosas, como é o caso do espectáculo com o carácter sagrado e místico desta peça.

Por outro lado desenvolvemos uma estética particular a partir destas investigações, um teatro ritual, poético, com uma lógica não aristotélica.

A Cabra- Os actores têm uma formação específica em termos de dança?

P.A.- Mais ou menos. Quanto ao trabalho de actor, os actores fazem um treinamento dentro do grupo e têm também um treinamento privilegiado próprio. Por exemplo, o Rafael fez uma preparação no Odeon Theatre de Copenhaga e a Andrea fez o treinamento numa escola na Suiça. Cada um tem uma linha de investigação própria, e eles trazem essas coisas para o trabalho do próprio grupo.

A Cabra- E o Paulo Atto, quais são as suas funções?

P.A.- Eu tenho um trabalho de escrita, de texto, de investigação.

A Cabra- Essa investigação é materializada como?

P.A.- O projecto "Movimento de Origem", que começou com este trabalho, começou à 5 anos atrás, o que é muito pouco tempo, é investigação para vinte anos! (Risos)

Porque primeiro são ligações muito intrincadas, culturais, quer dizer, é difícil você fazer uma arqueologia, porque a mentalidade do Homem é tão racional, tão cartesiana, que já não consegue funcionar com o seu lado intuitivo.

A Cabra- Aliás, o espectáculo é muito intuitivo. Tem muito a ver com dança, está no limite entre teatro e dança...

P.A.- Exactamente, entre o teatro e a dança como expressão e movimento é também como teatro e ritual.

A Cabra- Pelo que sei, têm tido muito sucesso no Brasil. E no estrangeiro como tem sido?

P.A.- É, temos viajado muito, mais no estrangeiro do que dentro do Brasil. Nós fazemos temporadas nacionais, mas ficou mais fácil viajar para o estrangeiro, até porque temos recebido muitos convites.

A Cabra- Cá em Portugal têm feito muitos espectáculos?

P.A.- Não, é a primeira vez que vimos aqui. É incrível porque nós temos a proximidade da língua, embora este espectáculo não tenha muito teatro. Mas há uma maior possibilidade de entendimento. Nós ficámos 10 dias na Rússia, por exemplo.

A Cabra- Espera voltar cá?

P.A.- Eu quero muito voltar cá com outros espectáculos, mas vamos ver. Em fazendo os contactos para ver se conseguimos trazer "A Tempestade" de Shakespeare. É uma leitura muito particular, o resultado estético é bem diferente.

Paulo Jorge Barbosa

PROGRAMAÇÃO REGULAR INTERROMPIDA

RUC: nem sempre no ar

A RUC entrou em 95 com o pé esquerdo. De facto, vários problemas têm afectado as emissões regulares da estação estudantil. Após duas curtas paragens motivadas por problemas técnicos, a rádio esteve cerca de três semanas sem qualquer tipo de programação limitando–se a passar CD's ininterruptamente. Segundo o director da RUC, António Mendes, isto deveu–se a uma sucessão de azares completamente imprevistos, que deixaram a rádio em grandes dificuldades económicas.

PRIMEIRO, O APARELHO que coloca os spots horários avariou–se. Perante a necessidade de comprar um novo, a rádio teve de dispender 1500 contos.

Depois foi o emissor a revelar problemas tornando impossível a emissão da RUC e fazendo com que mais 250 contos saissem dos depauperados cofres da estação.

Por último, um dos dois estúdios da RUC ficou com a mesa de controle inoperacional.

Este conjunto de contratempos resultou num prejuizo superior a 2000 contos. Diante desta situação, a direcção da RUC achou por bem interromper a programação. No entanto, ninguém ficou a dormir durante esta pausa. Os responsáveis encetaram uma reestruturação e planeiam medidas quase revolucionárias a nível do seu funcionamento.

Suzana Costa, a directora da informação, salienta que o facto da Rádio ter optado por um caminho não comercial tem os seus custos, não cativando muita publicidade. Por outro lado, o apoio da reitoria não é suficiente para cobrir eventuais prejuízos técnicos, como é o caso actual. Para Suzana Costa, o ideal seria criar um novo modelo de gestão, que permitisse tornar a rádio mais viável, espelhando uma imagem de maior responsabilidade, opinião corroborada por António Mendes. Ambos defendem a transformação da rádio em organismo autónomo.

Tiago M.



A nova mesa de mistura, acabada de entrar em funcionamento

Organismo Autónomo

88% dos sócios da RUC votaram favorávelmente a esta passagem num referendo realizado recentemente.

O organismo autónomo implicaria uma estrutura administrativa mais profissional que, para António Mendes, é absolutamente imprescindível.

O problema actual tem a ver com a estrutura de funcionamento da rádio. Presentemente, a RUC é constituída quase totalmente por um grupo de colaboradores voluntários, que fazem rádio por "puro amor à camisola". Este factor provoca uma certa desresponsabilização individual, o que leva a uma notória falta de coerência em relação a alguns programas, principalmente quando se está em época de frequências.

Os ouvintes mais atentos da RUC conhecem bem a experiência de ligar os rádios e constatar que o programa previsto para aquela hora não se realiza.

Esta desresponsabilização reflecte–se também nas estruturas directivas.Nas últimas eleições não apareceu nenhuma lista para assumir a administração da RUC. A actual direcção é, de acordo com o próprio presidente, uma "direcção de recurso".

António Mendes sublinha que existe "uma grande desmotivação das pessoas que trabalham de borla. A estrutura humana deve tender para o semi–profissionalismo."

A administração da RUC considera que a passagem a organismo autónomo só traria benefícios.

Por um lado, parece ser a única forma de trazer estabilidade à estrutura directiva da rádio. Por outro, a semi-profissionalização ocasionaria uma maior eficiência e organização, motivando as pessoas.

Em Coimbra o número de rádios destinadas a um público jovem (como a Rádio Energia ou a Antena 3) têm crescido nos últimos anos. Estas rádios assentam em estruturas profissionais com as quais a RUC não pode competir. A publicidade é quase totalmente absorvida por elas.

Com a semi-profissionalização este cenário poderia mudar, até porque existe um potencial vastíssimo em termos de "público RUC" (toda a comunidade estudantil) que não é explorado por falta de marketing.

Vocação universitária

A pergunta que legitimamente se poderá fazer é a seguinte: será que a profissionalização da RUC não acabaria com a vocação universitária e de formação que é a sua característica principal?

António Mendes responde veementemente que não. Para ele a Rádio Universidade é uma estrutura viva e muito particular, que só tem sentido se houver renovação. O vector da formação não pode ser desmesurado, estando mesmo planeado um protocolo com a Licenciatura de Jornalismo no sentido de melhorar as acções de formação, que reconhece "não estarem a ser feitas nas melhores condições". No futuro deverá haver maior exigência nas entradas para a RUC, principalmente para a área de informação.

O exemplo do TEUC é sintomático. Ao mesmo tempo em que se transformou num organismo autónomo, manteve o seu vector de formação. Assim deverá acontecer na RUC -diz António Mendes- pois "no dia em que a Rádio deixar de fazer acção de formação deixará de ser RUC."

Nova grelha

Como já foi referido a Rádio não tem estado parada. A reestruturação não tem só a ver com a parte administrativa mas também com a programação. Planeia-se uma entrada em força com novos indicativos e uma nova grelha. Esta grelha será mais reduzida do que a anterior (das 11 à meia noite) mas de melhor qualidade.

Os novos programas serão entregues à "prata da casa" no que pretende ser uma "nova era" na história da RUC.

Resta esperar pelo desenrolar das negociações entre a RUC e a DG (que se tem mostrado reservada em relação à pretenção da RUC), para saber se os ambiciosos planos da rádio "sempre no ar" irão avante.

Paulo Barbosa.

PROGRAMAÇÃO:

10-12: DEMANHÃ'X'KOMATIA, Pedro Rodrigues
12-13: RUMORES DO PLANETA, D. Costa, Humberto D., Silvéria B., Fausto S. e J. Rodrigues
13-15: CAÇADOR DE CABEÇAS, Humberto D., A. Macedo e J. Braga
15-18: ROCK CHINEZ, Paulo A., Miguel G., P. Arinto e P. Camilo
18-19: SANTOS DA CASA, Fausto Silva
19-22: NOTAS DE VINTE, ...
22-24: LICÇÕES DA EXPERIÊNCIA RECENTE, António S. e P. Arinto

Music Non' Stop' til 10:00 a. m.
Informação Académica- 17, 22h
Simultâneos Informativos- Rádio Comercial- 10, 11, 13, 15 h.


RÁDIO
UNIVERSIDADE
DE
COIMBRA
SEMPRE NO AR
107.9 FM

RUGBY FEMININO NA AAC

Mulheres de Melões

D.R.



Elementos da Equipa feminina de Rugby da AAC

Dois metros e dez, músculos à "Schwarzneger", olhar desvastador, postura de Viking... eis a imagem típica que, de modo geral, as pessoas fazem de um jogador de Rugby. No entanto, alguma vez te ocorreu que o baixinho franzino sentado ao teu lado pode ser o próximo "ponta" da selecção nacional?

Pois então, desvia agora o olhar para aquele "poste de sensualidade" a transbordar de graça acabado de entrar, e imagina-a, "melão" na mão, coberta de lama, preparada para marcar um brilhante "ensaio". Impensável. "As mulheres a treinar Rugby perdem a feminilidade toda", diria Pedro Ponce, jogador da AAC, espelhando, de certa forma, a ideia que ainda persiste acerca do papel das mulheres neste desporto. Preconceito com razão de ser? De facto, Rugby Feminino em Portugal é uma modalidade pouco divulgada, o que leva muitas vezes a ideias distorcidas acerca da sua prática.

Sobre este assunto falamos com Vasile Constantine, treinador romeno que neste momento orienta a equipa feminina da Académica, que, por estranho que pareça, existe mesmo. Formada exclusivamente por alunas do curso de CDEF, não deixa de ser um organismo integrado na Académica, dela recebendo o respectivo apoio (...moral?) como nos diz Monteiro da Costa, director do departamento de Rugby da mesma.

Não fazendo ainda parte da Federação Portuguesa de Rugby, esta equipa, recentemente formada, prepara a sua inscrição neste organismo. No entanto, Rugby feminino em Coimbra já era antes praticado, por uma equipa dependente da Secção de Rugby da AAC.

Por falta de comparência aos treinos e disponibilidade, esta equipa foi dissolvida. Ainda segundo Constantine, ela encerra um grande potencial, havendo nomes a destacar, como Ana Paula (capitã de equipa), Rita Pedrosa, Joana Fonseca, Rute Fernandes, Helena, Adelaide, Carla Marina,... em que se depositam grandes esperanças no futuro.

Actualmente treinam em Portugal 7 equipas de Rugby feminino: UTAD (Vila Real), CDUP (Porto), Académica -estas, universitárias- Lousã, Moita, Loulé e CRAU (Arcos de Valdevez), criadas pelos respectivos clubes de Rugby locais.

Todas se deparam com o grave problema da falta de divulgação e incentivo, inclusivamente por parte da Federação. Esta questão foi referida por Sónia Fernandes, estudante em Coimbra e jogadora do CRAU, que defende a organização de um campeonato nacional cuja iniciativa deverá partir da FPR. Sugeriu–nos também a possibilidade de uma selecção nacional, à semelhança do que já acontece em Espanha, onde esta modalidade adquiriu uma importância invejável e um estatuto elevado, que deve ser imitado.

Também Vasile Constantine focou este aspecto, adiantando, no entanto, que estão a ser tomadas iniciativas no sentido de concretizar este objectivo: as melhores jogadoras da Académica serão chamadas a integrar o lote de seleccionadas que, patrocinado por António Cabral Fernandes, se deslocará no próximo dia 15 de Abril a Hannover, na Alemanha, onde irão defrontar a selecção daquele país.

E por falar em iniciativas concretas, também a Académica se prepara para acolher, em Coimbra, a equipa da Universidade de Birmingham, jogo este a realizar no dia 3 de Abril.

Acaso terá passado por essa cabecinha, ainda que remotamente, a ideia de assistir ao jogo? É que, segundo a Sónia, a falta de apoio do público tem sido a nota dominante nos jogos das equipas femininas e as críticas destrutivas têm contribuído para o desânimo das jogadoras. Ajudar é preciso.

A necessidade de divulgação dos jogos de Rugby, assegurar a conveniente assistência técnica, sensibilizar os professores de Educação Física para que estimulem potenciais jogadoras a integrar uma equipa, eis alguns dos apelos deixados por Vasile Constantine, de forma a generalizar a prática deste desporto.

Apesar da actual equipa ser exclusivamente constituída por alunas do curso de CDEF, qualquer rapariga a pode integrar. Para tal, basta levar ousadia, vontade de experimentar algo de "novo" e... um fato de treino. Quanto ao horário, o treinador procurou estabelecê–lo do modo mais conveniente para as jogadoras: das 16.30h às 17.30h, todas as terças–feiras. Pena é que este horário não coincida com os treinos masculinos já que, e citando Pedro Ponces: "Rugby feminino?! Sou contra. Aliás, só sou a favor quando jogamos contra elas!" Opinião curiosa emergiu também do coro de vozes de râguebistas levantado, quando se abordou o tema:"Mulheres no Rugby?! Só se forem boas!"

No entanto,-e não desfazendo-, não prevaleça a ideia de que todos os jogadores da Académica se regem pelos mesmos valores, no mínimo, "peculiares"... Pelo contrário, grande parte dos jogadores mostra–se agradada com a prática feminina de Rugby, até porque, como disse Ricardo Vieira: "É sempre bom ver pessoas a praticar desporto".

Noémia Pizarro Bravo
Nadia Esteves.

A Caminho das Estrelas

Secção de Astronomia, Astronáutica e Astrofísica da AAC.

No dia 16 de Maio de 89 era fundada a Secção de Astronomia, Astronáutica e Astrofísica da AAC. O entusiasmo inicial foi, porém, esmorecendo, e em 92 esta Secção deixou de ter quaisquer actividades. Até que em Dezembro último, um grupo de alunos de Geologia decidiu que era tempo de retomar todos os projectos esquecidos e ressuscitar a SAC.

No início, as coisas correram bem. Logo no início, a Secção foi invadida por pessoas interessadas em elaborar projectos de Astronomia e Astrofísica. Realizaram-se exposições e paralelamente uma série de colóquios com a presença de especialistas no assunto. A aceitação por parte do meio académico foi excelente: a SAC chegou mesmo a promover uma revista de informação, "A Via Láctea", que deixou de ter periodicidade regular devido à falta de meios informáticos, e a promover umas jornadas com muito sucesso em 91, as AstroSAC. Foi também muito importante, na altura, a organização de um curso de Astronomia Amadora destinado aos sócios da nova Secção.



II. Este projecto chegou a merecer a atenção do Dr. Eurico da Fonseca que, aquando de uma sua visita a Coimbra, convidou a SAC para uma demonstração num programa televisivo. Já em 90, um grupo de membros da SAC, constituído por alunos de física e astrofisica, considerou dispor de meios próprios para fundar uma associação própria e criou a AIA, Associação de Investigação Aero-espacial que se dedica ainda hoje essencialmente à construção de foguetes.

No entanto, este entusiasmo todo esmoreceu por volta de 92 devido à falta de meios e a SAC passou a existir apenas oficialmente, sem realizar quaisquer actividades.

Em 94, um grupo de alunos decidiu reestruturar a SAC. Este trabalho, porém, não se tem mostrado fácil apesar da boa vontade dos muitos que responderam aos cartazes e panfletos lançados por um grupo de alunos de Geologia. É que a falta de um telescópio atrasa consideravelmente o trabalho que a SAC se propõe realizar, porque impossibilita desde logo as observações de campo. Este facto já constituía um problema anteriormente, tendo-se chegado mesmo a pensar em construir um telescópio à mão, solução afastada por não se mostrar viável. Pretende-se já um telescópio moderno com computador integrado que permita inclusivé tirar fotografias, calcular coordenadas e posições. Por agora estão apenas em fase de orçamentos e contam desde já com o apoio da Faculdade de Ciências e da Reitoria, esperando também resposta da Fundação Calouste Gulbenkian e do Instituto da Juventude.

O Observatório da Reitoria da Universidade de Coimbra apenas se pôde prontificar a ceder à SAC uma cúpula para observações pois, apesar de dispor de um telescópio, este não se encontra nas melhores condições, faltando-lhe uma série de peças essenciais ao seu bom funcionamento. Assim que o obtenha, a SAC pensa promover uma actividade que terá por certo muitos adeptos: levar o telescópio até à Serra da Lousã ou até à Figueira para se fazerem observações que só resultam realmente em lugares altos e sem poluição, à noite, e quando o céu começar a ficar mais limpo, sem nuvens. Talvez para Junho.

Por agora, e enquanto não vem o telescópio, a SAC preocupa-se em trabalhar projectos antigos. Considerando ambiciosa a ideia de uma revista, pensam manter informados os estudantes acerca do que se passa não só na Secção como também na Astronomia Mundial através da colaboração com os meios de comunicação da Academia e, se for necessário, de uma folha informativa mensal.

Porém, para já, o maior destes projectos é a realização de umas Jornadas, as AstroSAC 95, que já têm data e local -26, 27 e 28 de Abril no Teatro Paulo Quintela- mas às quais falta ainda um programa definitivo

Nas jornadas procurar-se-á fazer não só o lançamento de micro-foguetes com a colaboração da AIA, mas também promover debates com professores de física, matemática e geologia, e a realização de exposições e projecção de filmes. Interessante poderia ser também trazer professores de faculdades de Lisboa e do Porto às jornadas, mas até agora nada está confirmado.

Ainda antes das Jornadas, pensam promover um curso teórico ministrado por um professor do Departamento de Física que já se pôs à disposição, a decorrer em princípio no Anfiteatro de Química.

Outro dos objectivos que a SAC se propõe alcançar é promover também junto das escolas secundárias o interesse de alunos e professores pela Astronomia, visto que agora ela é leccionada no liceu na disciplina de Físico-Química a partir do 10º ano. Para tal serão importantes tanto as jornadas como todos os debates e exposições que procurarão promover nas próprias escolas, pois os professores não são ainda preparados a nível curricular para ensinar Astronomia.

Estão também a ser feitos contactos com outras secções de Astronomia a nível universitário, nomeadamente com o Porto e Vila Real. E contactos a nível internacional? Também se estão a fazer! Para já, um professor brasileiro a leccionar em Itália, aquando da sua passagem por Coimbra, pô-los em colaboração com alunos com objectivos idênticos da Universidade Estadual de Maringa, no Brasil, e da Universidade La Sapienza, em Roma.

Outra questão bastante grave é a falta de espaço: sentindo-se isolados e remetidos para um sala de pequeníssimas dimensões situada ao lado do Centro de Informática, perto do D. Dinis, os cerca de 30 sócios da SAC enfrentariam um sério problema se todos decidissem ir aos plenários.

Curioso também é o facto da Secção ter apenas alunos de ciências, embora esteja aberta a toda a Academia. As reuniões realizam-se todas as semanas, à quarta-feira, pelas 21.30 na sala da SAC e o atendimento diário é assegurado pelos próprios membros da, segundo a disponibilidade de cada um, de forma a manterem sempre que possível as portas abertas a todos quantos quizerem ser sócios.

Rosário Salvado

A PROPÓSITO DA DESPENALIZAÇÃO DAS DROGAS

Fode-te & dança

Actualmente o problema da toxicodependência assume contornos preocupantes a nível nacional. A insegurança nas ruas e o aumento da criminalidade estão directamente associados a esse problema. Os tentáculos dos traficantes estendem–se cada vez mais. A corrupção surge em todos os quadrantes, desde o empresário bem sucedido ao humilde pescador, todos cativados pelos lucros chorudos que o "negócio" pode dar. Cada vez mais, jovens são aliciados a fugirem em direcção aos "paraísos artificiais". Apesar das campanhas em sentido contrário, nada parece poder parar com esta voracidade.

A despenalização

Alguns "iluminados" afiançam uma fuga para a frente: a despenalização das drogas. Segundo estes senhores, o grande problema está no facto de as drogas serem actualmente um "fruto proibído".

A legalização das drogas levaria à integração dos toxicodependentes, que poderiam assim solicitar ajuda contra a sua dependência.

Além disso, as redes de traficantes seriam desmembradas e os casos de pequena criminalidade drasticamente diminuídos. Isto porque a droga estaria disponível a preços muito mais reduzidos, ou seja, integrada nas leis de mercado (tal como o tabaco, por exemplo).

Dentro dos favoráveis à solução despenalizante surgem opiniões diversas. Parece unânime que esta solução não iria diminuir grandemente o consumo. Seria no entanto uma solução mais cómoda e uma maneira de branquear o dinheiro da droga direitinho para os cofres do Estado.

Esclarecedora é a opinião do professor Pinto da Costa, do Instituto de Medicina Legal do Porto: "A droga apenas deveria ser distribuída gratuitamente para consumo individual aos toxicodependentes mediante diagnóstico médico atestando a doença, por forma a garantir o consumo sem necessidade do doente ser traficante nem de roubar para angariar dinheiro para sustentar o seu vício".

O caso holandês

A experiência já foi feita em prática em países como a Holanda. No início dos anos 70 criou uma disposição que autorizava a venda de drogas leves. São famosos os Koffieshops, lugares onde se pode escolher à lista as mais diversas variedades de marijuana e haxixe. Na Holanda assumiu–se uma atitude branda em relação às drogas duras. Isto teve como consequência a atracção de milhares de "drogoturistas" vindos um pouco de toda a Europa.

Ao invés de todas as campanhas de prevenção, desintoxicação e da separação legal entre drogas duras e leves, Amesterdão tornou–se o paraíso dos toxicodependentes. As zonas em que se consomem drogas duras são zonas de grande criminalidade.

D.R.



A despenalização das drogas tem a ver com a responsabilidade individual de cada um

Drogas duras, drogas leves

Não é necessária muita perspicácia para concluir que em Portugal sucederia a mesma coisa. O Casal Ventoso seria, provavelmente, remodelado e equipado com instalações condignas para estes novos turistas. Um pouco por todo o país, abrir–se–iam novas filiais, pequenos "Casais Ventosos" para fazer face ao aumento de procura. Que perspectiva interessante!

Neste debate, convém vincar com clareza a diferença entre drogas leves e drogas duras. As primeiras estão em parte legalizadas (casos do alcool, café e tabaco).

A marijuana, o haxixe e as anfetaminas provocam a dependência a longo prazo. As suas consequências a nível físico e psicológico são graves (síndroma amotivacional, psicose, alimentação deficiente, depressões).

No entanto, está provado que de um uso esporádico deste tipo de drogas não advém grande malefício. A despenalização destas drogas tem a ver com a responsabilidade individual de cada um. Mas não será que uma experiência agradável leva as pessoas a tentarem voos mais altos? E não será que a maior acessibilidade e menor preço leva a um aumento do consumo? Estará a "juventude inquieta" preparada para lidar com estas drogas sem se deixar enredar?

As drogas duras são já um caso bastante diferente, muito mais preocupante. Só para dar um exemplo, basta uma semana de consumo regular de heroína para fazer um heroinómano.

Drogas alucinogéneas como a mescalina, o LSD ou o extasy (ligado ao fenómeno das "rave parties" em Inglaterra) não são muito conhecidas em Portugal.

Por cá, as drogas duras mais consumidas são mesmo a heroína e a cocaína, com predominância para a primeira.

Droga= Liberdade?

Segundo vários psicólogos e sociólogos, a despenalização não é solução, porque levaria os jovens a estarem ainda mais expostos ao perigo. Além disso, a integração é um mito, porque a droga contraria o costume e a norma, por isso não é aceite socialmente.

Tudo o que foi até aqui dito permite chegar a uma conclusão: a legalização seria encorajar uma grande parte dos jovens a inconscientemente ou não, destruirem as suas vidas. Sobre isto não deve haver dúvidas. Salve–se quem puder...

É este espírito liberal do salve–se quem puder (ou para ser mais explícito, do Fode–te & Dança) que conduz à decadência. Porque se o argumento é "as pessoas devem ser livres para fazerem o que bem entendem", ele cai pela base. O consumo sistemático de drogas não tráz liberdade a ninguém. A droga é um poderoso instrumento de manipulação de espíritos desprevenidos. Tráz vício, tráz a perda da dignidade humana. É o fim da relação saudável com os outros, o emergir da bestialidade, onde todas as coisas perdem a sua importância se comparadas com o próximo "chuto".

Se a liberdade é uma utopia distante para todos nós, algo com que vamos tentando lidar diplomaticamente, para o ser viciado ela é duplamente distante.

Não está em causa o preço das drogas ou a sua fácil disponibilidade. O que está em causa é saber se será legítimo incentivarem as pessoas a arruinarem a sua existência enquanto seres humanos de pensamento livre (pelo menos isso!). Perguntem a qualquer toxicodependente...

P.S.: Ainda hoje, na Rádio Universidade, uns rockers Finlandeses proclamavam atavicamente "We don't need no fellings because we got fills; we don't need no religion because we got TV".

Entrementes, recordei–me do cantor e poeta americano Jim Morrison quando, nos últimos meses da sua vida, se lamentava:

Se ao menos eu pudesse sentir
o som dos pardais
& sentir a infância
puxar–me de novo
para ela

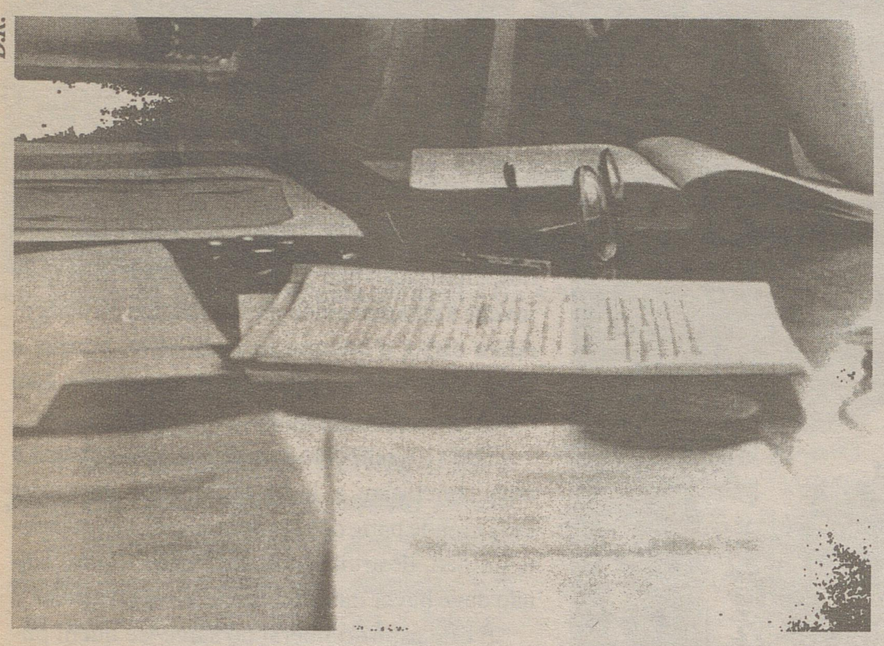
Se ao menos eu pudesse sentir
que me estavam a puxar
de novo
& sentir–me abraçado pela realidade
de novo
morreria
morreria feliz.

Paulo Jorge Barbosa.

O OLHAR POUSADO NA ESTANTE

Sob o nome artístico de Conde de Lautréamont, Isidore Ducas-se deixou apenas "Poesias" (prefácio a um livro futuro) e os seus "Contos de Maldoror". Não sendo particularmente conhecida do grande público nem grandemente divulgada no ensino, esta última obra foi sem dúvida demasiado avançada para o seu tempo e mantém intactos os seus germes de provocação e subversão do discurso literário convencional. Por não haver memórias nem retratos sobre a sua vida podem especular–se hipóteses exclusivamente a partir da sua obra.

D.R.



ENTRE O SEU NASCIMENTO (1846) e a sua morte (1870) medeiam vinte e quatro anos, tal como no caso de Alvaro Carvalhal que, com a mesma idade expirou antes de concluir a licenciatura de Direito na Universidade de Coimbra, autor quase ignorado de literatura fantástica, escreveu o conto "Os Canibais" que inspirou o filme de Manoel de Oliveira, fastidioso face ao conto.

Mas, falemos de Lautréamont e dos "Contos de Maldoror". Não há muitas mais certezas sobre a sua vida, nasceu em Montevideu (Uruguai) e morreu em Paris. O primeiro dos contos foi publicado anonimamente em Agosto de 1868, quando o autor contava vinte e dois anos e, a narrativa convencional não havia ainda sido fortemente abalada nas suas estruturas.

Desde o princípio da sua obra que a ruptura é explicita. Senão circulemos pelas primeiras linhas:

"Queira o céu que o leitor, tornado audaz e momentaneamente feroz à semelhança do que lê, encontre, sem se desorientar, o seu caminho abrupto e selvagem através dos lodaçais desolados destas páginas sombrias e cheias de veneno; pois que, a não ser que utilize na sua leitura uma lógica rigorosa e uma tensão de espiríto pelo menos igual à sua desconfiança as emanações mentais deste livro irão embeber–lhe a alma, como a àgua ao açucar. Não convem que toda a gente leia as páginas que se seguem; só alguns hão–de saborear sem perigo este fruto amargo. Por consequência, ó alma húmida, antes de penetrares mais longe em tais domínios inexplorados, dirige os teus passos para trás e não para a frente."

Um narrador em quem o leitor não pode confiar e o assume, constitui um desafio radical em relação aos cânones populistas tanto do Romantismo como do Realismo. Isto muito antes da contestação organizada à literatura vigente, à qual serviu de referência (Dadaísmo e Surrealiismo).

A criação de um carácter completamente perverso e dotado de génio como Maldoror, satiriza o idealismo romântico e conjuga imagens de violência e brutalidade com um admirável perfeccionismo na construção das frases e metáforas de uma originalidade surpreendente (das quais a mais consagrada será a da intersecção entre uma máquina de costura e um guarda–chuva sobre uma mesa de dissecação, com nítidas conotações psicanalíticas). Maldoror asume características luciferinas pela sua luta contra o criador e pelo peso de maldições eternas.

O jovem Isidore Ducasse cria assim um Universo onde se vinga da sua infelicidade e insatisfação com a condição de estudante, no que Bachelard chama ressentimento de adolescente. Uma passagem da obra, em particular, parece apoiar esta tese:

"Quando um aluno interno do liceu é governado, durante anos que parecem séculos, desde manhã até à noite e da noite até de manhã por um pária da civilização, que mantém constantemente os olhos sobre ele, sente subir ao cérebro as ondas tumultuosas de um ódio feroz, qual espesso fumo, que ameaçam fazê–lo rebentar. A partir do momento em que o lançam na prisão, até ao momento, próximo, em que irá de lá sair, uma febre intensa empalidece–lhe as feições, cerra–lhe as sobrancelhas, encova–lhe os olhos. Durante a noite reflecte porque não quer dormir. Durante o dia o seu pensamento voa para lá das paredes daquela mansão do embrutecimento até ao momento em que foge ou que o expulsam, como um pestífero, daquela eterna clausura."

Carlos Ramos

o cartoon do miguel



Os violinos de Chopin.

Provavelmente, já não é novidade para ninguém que o João Carlos Alves ficou muito impressionado por a Madame Bovary ter almoçado costeletas, leite–creme e cerejas.

Novidade também não será a campanha eleitoral para os corpos gerentes da AAC. Nem interessa, se calhar, focar este assunto pois já se fala bastante disso, provavelmente. E a caça ao voto é um espectáculo saturante. Não parece sequer haver motivo para optimismo. Quer com a continuidade da actual Direcção–Geral, quer com o PSD, o horizonte é deprimente. Muito. Um buraco negro. Mas disto não falo mais, por ora.

Além disso, tenho reparado que, cada vez mais, ao ligar a televisão, é mais provável que lá esteja o Nicolau Breyner... Ou que todos os canais estejam a transmitir congressos laranjas.

Pelo menos o céu está limpo e os pássaros cantam. Ao menos isso...

Carlos Ramos

SAIR

Serviços Académicos de Informação Recomendada

...E quanto à Filatelia?

Pois bem... despreocupem–se os potenciais entendidos ou interessados neste subtil e apaixonante passatempo, uma vez que a Secção de Filatelia da Associação Académica de Coimbra não os vai ignorar, proporcionando uma excelente oportunidade de satisfação do mais ávido "apetite" de selos.

De 29 de Abril a 2 de Maio decorrerá, na sala de estudo da AAC uma Mostra Filatélica comemorativa do 30º Aniversário da Secção de Filatelia, integrada nos festejos da Queima das Fitas de 1995.

Reunindo um total de 15 colecções de cariz particular, algumas das quais de renome nacional, a Secção de Filatelia apresentará também as suas sucessivas realizações ao longo destes últimos anos.

A não perder, no dia 29 de Abril, a data da inauguração da mostra, o lançamento de um carimbo comemorativo pelos Correios de Portugal. Durante este primeiro dia, encontrar–se-á em funcionamento no local, um posto próprio à disposição dos eventuais interessados na sua aquisição.

Nunca será demais realçar que esta mostra é prova de que a Secção Filatélica da AAC, decorridos trinta anos da sua fundação, contínua activa e empreendedora e que o seu papel de indiscutível importância na Academia acaba por repercutir–se de forma vincada no panorama filatélico nacional.

Nadia

Eleições

Esta semana realizam-se as eleições para os corpos gerentes da AAC: Mesa da Assembleia Magna, Conselho Fiscal e Direcção Geral. O acto eleitoral decorre na quarta e quinta-feiras, na sala de estudo da Associação Académica de Coimbra, entre as 10 e as 22 horas. Votar é sempre um dever cívico. Aqui também. Para quem ainda não sabe, concorre a estas eleições 5 listas, realizando-se a segunda volta, com as duas listas mais votadas, na próxima semana, também na quarta e na quinta.

Frase do Mês

O Tiago Magalhães é pago pelas celuloses para nos calar e pelo Governo para abafar o problemas das propinas

Cartaz do Grupo ecológico, corredor da AAC